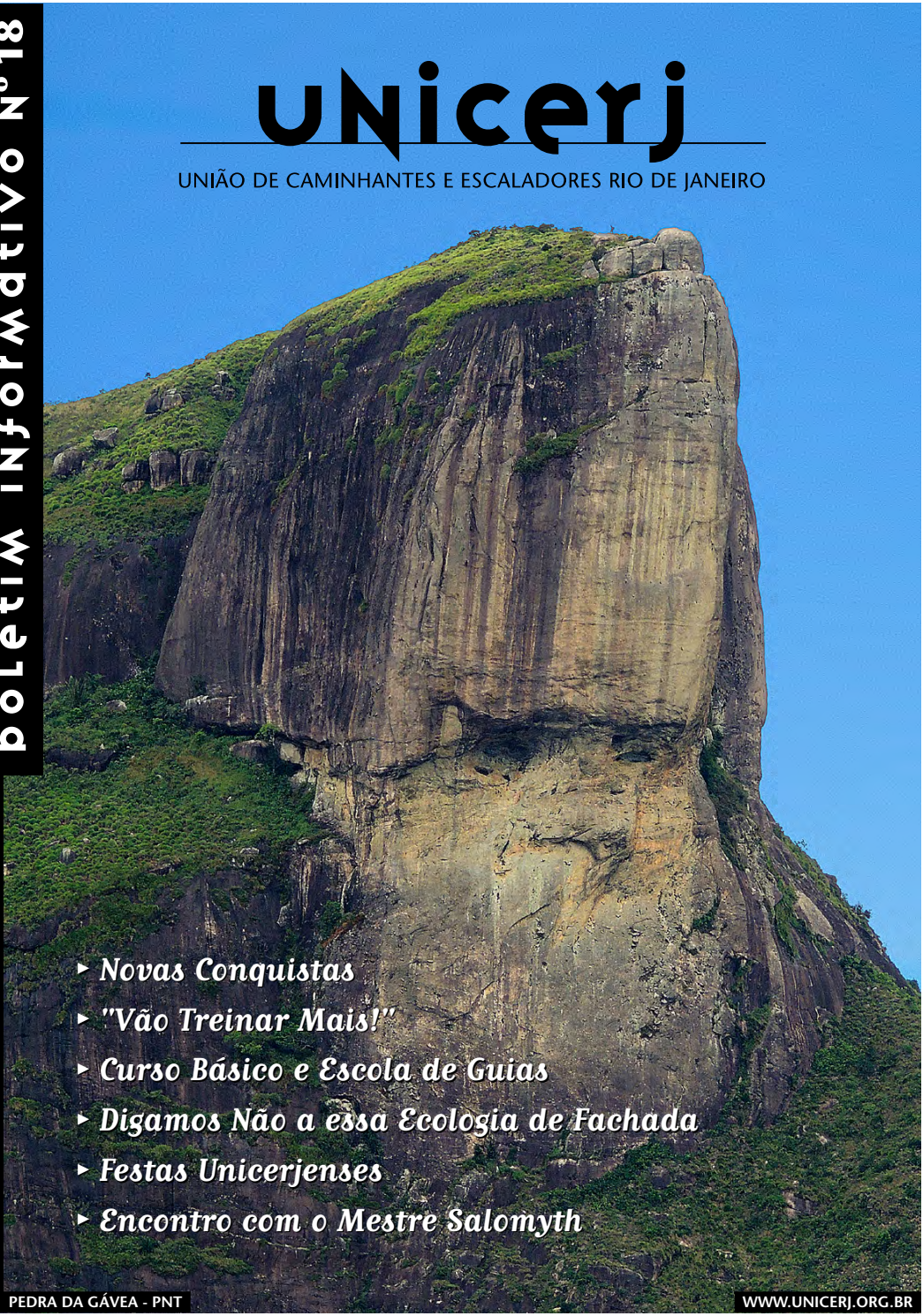
boletim informativo Nº18
SETEMBRO DE 2014 ANO 17

UNICERJ

UNIÃO DE CAMINHANTES E ESCALADORES RIO DE JANEIRO



- Novas Conquistas
- "Vão Treinar Mais!"
- Curso Básico e Escola de Guias
- Digamos Não a essa Ecologia de Fachada
- Festas Unicerjenses
- Encontro com o Mestre Salomyth

PEDRA DA GÁVEA - PNT

WWW.UNICERJ.ORG.BR

UNICERJ

UNIÃO DE CAMINHANTES E ESCALADORES RIO DE JANEIRO

Fundada em 17 de abril de 1998
CNPJ 02.593.668/0001-15
Largo do Machado 29 / 609
22.221-901 - Rio de Janeiro, RJ
Tel. (21) 3826-1459
www.unicerj.org.br
unicerj@unicerj.org.br

Reuniões sociais às quintas-feiras a partir das 20:30 h

DIRETORIA
Presidente *Santa Cruz*
Vice-Presidente *Filipe Alvarenga*
Diretor Técnico *Leonardo Perrone (Leo)*
Diretor de Ecologia *Eduardo Buarque*
Diretor de Divulgação *Fernando Souza*
Diretor de Documentação *Fabio Fonseca*
Diretor Financeiro *Osiris Gopfert*
Diretor Secretário *Daniel Bonolo*
Diretor Social *François de Paiva*

ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO
Presidente *Filipe Alvarenga*

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Aleksandra Krijevitch, André Favre, Carlos Alberto Faria, Carlos Henrique (Carlito), Carlos Eduardo Lessa (Cela), Christian Costa, Clair Pessanha, Daniel Bonolo, Eduardo Buarque, Fabio Fonseca, Felipe Porto, Fernando Souza, Filipe Alvarenga, François de Paiva, José Zaib, Leandro Chen, Leonardo Perrone, Lucia Ladeira, Luis Sayão, Marcos Eboli, Nataniel Carvalho, Osiris Gopfert, Osvaldo Pereira, Rafael Albuquerque, Ricardo Borges, Ricardo Prado, Rodrigo Souza, Tarcisio Rezende e Willy Chen.

TELCIO, IGOR, KAKÁ, MARCELO E NERY

Capa: Cabeça do Imperador - Pedra da Gávea - Rio de Janeiro

CORPO DE GUIAS DA UNICERJ: 48 GUIAS

GUIA	FORMAÇÃO	GUIA	FORMAÇÃO
01) André	(2012)	25) Kaká	(2014)
02) Anete	(2010)	26) Leandro	(1999)
03) Bira	(2004)	27) Leo	(1999)
04) Bonolo	(2004)	28) Lucia	(1988)
05) Borges	(1990)	29) Marcelo	(2014)
06) Boulanger	(2010)	30) Marcos	(1999)
07) Buarque	(2002)	31) Mauricio	(2012)
08) Carlito	(2010)	32) Natan	(2008)
09) Carlos Alberto	(2004)	33) Nery	(2014)
10) Cela	(2004)	34) Osiris	(2006)
11) Celeste	(2004)	35) Paulo	(2004)
12) Christian	(1990)	36) Porto	(2004)
13) Clair	(2010)	37) Prado	(1990)
14) Elis	(2012)	38) Rafael	(2008)
15) Fabio	(2004)	39) Roberto	(2010)
16) Favre	(2006)	40) Rodrigo	(2004)
17) Fernando	(2012)	41) Santa Cruz	(1973)
18) Filipe	(1989)	42) Sayão	(1984)
19) François	(2006)	43) Simone	(2012)
20) Gabriela	(2008)	44) Tarcisio	(1989)
21) Godinho	(2002)	45) Telcio	(2014)
22) Igor	(2014)	46) Terra	(2008)
23) Jeferson	(2010)	47) Willy	(1984)
24) Kaercher	(2008)	48) Zaib	(1975)

Estes são os que podem planejar, organizar e liderar as atividades excursionistas promovidas pela Unicerj. Portanto, se você deseja fazer alguma excursão, entre em contato com um desses Guias para que a mesma seja programada pela Unicerj e aberta aos demais sócios.

Leo, Diretor Técnico

FUNDADORES
Aleksandra Krijevitch, Christian Costa, Filipe Alvarenga, Gustavo Mello, José Zaib, Leonardo Perrone, Lucia Ladeira, Luis Sayão, Marcos Éboli, Osvaldo Pereira (Santa Cruz), Ricardo Borges, Ricardo Prado, Rita Montezuma e Tarcisio Rezende.

ESCOLA DE GUIAS

Temos a alegria de anunciar a conclusão de mais uma ETGE, cuja formatura ocorreu na Festa do 16º Aniversário da Unicerj, nos dias 26 e 27 de abril de 2014.

Guias Caminhantes:
Igor d'Oliveira Briguiet
Marcelo **Nery** dos Santos

Guias Caminhantes e Escaladores:
Marcelo Passos Sant'Anna
Rodrigo de Oliveira Cruz (**Kaká**)
Telcio Germano da Silva

editorial

Nos nossos Boletins é comum, claro, tratar de assuntos relacionados com montanhismo e o ambiente em que essa atividade pode ser praticada com alegria, liberdade e segurança.

Todavia, um fato triste que ocorreu na história recente da UNICERJ e do montanhismo, embora envolvendo a escalada de vias ou vias de escalada, foi marcante para as pessoas que o vivenciaram, bem como suas consequências "extra montanha". Por esse motivo, trazemos para esse Editorial a nossa visão e posicionamento deste episódio, que segue adiante relatado.

No último Boletim, nº 17, publicado em julho de 2013, o Editorial menciona o acidente com dois escaladores no Paredão CEPI em dezembro de 2012, Pão de Açúcar, RJ. Aberto o inquérito policial para investigar a causa da queda, a UNICERJ, embora não tivesse nenhuma relação com o trágico acidente que tirou a vida do escalador que guiava a cordada, como foi devidamente comprovado no decorrer do inquérito, foi intimada para depor em razão de suas posturas e convicções de, voluntariamente, tentar manter em condições de ascensão as vias de escalada que frequenta.

Logo após o acidente, diversas suposições e opiniões sobre as circunstâncias que determinaram a queda circularam imediatamente pela mídia. Algumas dessas opiniões, e inclusive, também, em um dos depoimentos prestados na delegacia, estranhamente, e de forma leviana, foi atribuída indevidamente à UNICERJ a obrigação e responsabilidade pela manutenção do Paredão CEPI, o que resultou na nossa intimação no inquérito policial. Feitos os depoimentos e esclarecidos os fatos, acompanhamos a denúncia do Ministério Público na ação penal.

Todos os elementos da investigação policial que foram diligenciados nesse caso, como o laudo pericial do cabo de aço, dos apetrechos e material dos escaladores, depoimentos de pessoas e representantes de entidades e bombeiros que participaram do resgate, têm como objetivo, em última análise, dar subsídios ao relator do inquérito para atribuir ou não responsabilidade pela morte do escalador.

No seu depoimento a companheira de cordada, não soube precisar exatamente o que tinha ocorrido no momento da queda. Provavelmente jamais saberemos o que realmente aconteceu quando o escalador caiu por mais de 60 metros.

Terminado o processo criminal, não podemos deixar de registrar, embora não os conhecêssemos, nosso consternamento pelo escalador que perdeu a vida, e também a sua companheira de cordada, que sobreviveu a esta experiência tenebrosa na montanha.

Ainda, após o acidente, outras acusações foram lançadas contra a UNICERJ, inclusive amparadas com documentos extraídos de sites internacionais transcritos na mídia e internet, na tentativa de desqualificar algumas ações corretivas executadas no Paredão CEPI, que até então sempre foram elogiadas por todos que escalaram aquela via ferrata. Repudiamos estas acusações, todas revestidas de aparente verdade, que se aproveitaram do momento de infortúnio para incitar um pré-julgamento tendencioso da situação.

Manteremos nossos princípios e coerência, sempre dispostos a dialogar com todos que expõem suas honestas razões em beneficio da prática do montanhismo.

A Diretoria

Coração de Estudante

Quero falar de uma coisa
Adivinha onde ela anda
Deve estar dentro do peito
Ou caminha pelo ar
Pode estar aqui do lado
Bem mais perto que pensamos
A folha da juventude
É o nome certo desse amor

Já podaram seus momentos
Desviaram seu destino
Seu sorriso de menino
Quantas vezes se escondeu

Mas renova-se a esperança
Nova aurora, cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê
Flor, flor, e fruto

Coração de estudante
Há que se cuidar da vida
Há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade
Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho
Verdes, planta e sentimento
Folhas, coração,
Juventude e fé.

Wagner Tiso
e Milton Nascimento

Segunda fase ETGE/2013

TRAVESSIA PETRÓPOLIS-TERESÓPOLIS - PNSO

Após seis meses de atividades teóricas e práticas, a Segunda Fase da ETGE/2013 teve início com a regrampeação da Fissura Melissa, na Torre Norte de Bonsucesso, escalada conquistada durante a Primeira Fase. As regrampeações são fundamentais para que as vias que conquistamos apresentem um padrão de segurança que consideramos aceitável, para que possam ser repetidas por todos os escaladores, não apenas aqueles que apreciam o risco.

Dormimos em Miraflores e no dia seguinte o tempo estava péssimo. Chovia muito, desde a madrugada, e não havia nenhum sinal de melhora. Enquanto os alunos tomavam café, os Guias confabularam, até que decidimos a excursão: faríamos a Travessia da Neblina de cima para baixo. Foi uma típica excursão da Escola de Guias, conjugando as dificuldades necessárias ao aprendizado e o companheirismo indispensável na montanha. Digno de nota o comentário espontâneo do Igor, em um dos rapéis pelo Paredão João Goulart, quando chegamos a uma parada sem vento (mas continuávamos igualmente molhados e com muito frio): "Conforto é isso!".

Ainda no mês de abril fizemos uma excursão parcial ao Morro das Antas, chegando até a base do Paredão Unidade Latino-Americana, que pretendíamos repetir logo. Foi impressionante verificar a recuperação da vegetação daquela área, devastada por um desmoronamento de rochas gigantescas durante os temporais do início de 2011, que devastaram amplas áreas povoadas da região serrana, trazendo tantas mortes e destruição.

No início de maio, os Caminhantes foram junto com o pessoal do CIM ao Mirante do Inferno, em excursão emocionante, principalmente para os que ali estiveram pela primeira vez e para os que precisaram vencer o medo para subir o último lance. Já os Caminhantes e Escaladores escalaram o Paredão Mario Arnaud, uma maravilhosa escalada cujos lances vão ficando mais difíceis a cada esticão.

Na semana seguinte fizemos a Travessia do Parque Nacional do Caparaó, entrando pelo

Espírito Santo e saindo por Minas Gerais. O tempo na ida parecia que ficaria ruim, mas à medida em que subíamos, o céu estava mais claro. No fim, não ficou totalmente aberto, mas bastante agradável para um fim de semana caminhando. E, para alguns, foi a primeira vez no Pico da Bandeira, o que é inesquecível. Completando o mês de maio, a escalada do Dedo de Deus, com todo o seu simbolismo, dispensando maiores comentários. Desta vez nem todos chegaram ao cume, mas isso não tirou em nada o brilho da excursão. Pelo contrário, foi mais um ponto de aprendizado para os futuros Guias da Unicerj.

Em junho, seguimos no mesmo ritmo. No início do mês, fomos à Agulhinha Beija-Flor, no PNSO. Caminhantes pela Via Normal, Caminhantes e Escaladores pela Fissura Mariana, juntando os grupos para a volta pela Descida Henry Thoreau. No fim do mês, mais uma maravilhosa excursão ao Planalto do Itatiaia, com Morro do Couto, Fissura Sylvia Chen, Pedra do Altar e cume das Agulhas Negras, pela Via Usual. E um jantar sensacional preparado a muitas mãos ao lado do acampamento.

A Fissura Melissa teve sua regrampeação concluída em excursão no início de julho, ficando assim em condições de ser escalada como acreditamos. Além da melhoria na segurança, fizemos a aferição quase completa da via para elaboração do croqui. Na semana seguinte os Caminhantes fizeram a Travessia da Neblina, desta vez no sentido convencional (subindo), enquanto os Caminhantes e Escaladores escalaram o desafiador Paredão Che Guevara, em Petrópolis.

Para completar o mês de julho, mais duas excursões que estão entre as preferidas de grande parte dos montanhistas: o Garrafão para os Caminhantes e a Agulha do Diabo para os Caminhantes e Escaladores. Fim de semana perfeito, com acampamentos no Abrigo Quatro e no Paquequer.

Mais uma conquista foi realizada pela ETGE/2013 em agosto: a Descida Catalunya, no Bico Menor do Vale dos Frades. Sobre essa conquista, recomendo fortemente a leitura do relato do Buarque nesta mesma edição do Boletim da Unicerj. Também em agosto, em um dia com tempo não muito animador, a ETGE foi ao Quebra Frascos, no entorno da Serra dos Órgãos, cujo acesso fica na rodovia que liga Petrópolis a Teresópolis.

Salinas, em Nova Friburgo, é outro desses lugares mágicos. Quem não conhece acha que só existe na imaginação. Foi lá que encerramos o mês de agosto e iniciamos o mês de setembro, último da segunda fase.

No primeiro dia, os Caminhantes foram à Caixa de Fósforos e os Caminhantes e Escaladores fizeram a primeira parte da Via Sylvio Mendes, no Pico Maior de Friburgo. No domingo, os Caminhantes fizeram o Pico Menor e os Caminhantes e Escaladores atingiram o cume do Pico Maior, ao completarem a Sylvio Mendes. Mais um fim de semana inesquecível em um lugar incrível!

Em setembro juntamos o grupo para escalar o Dedo de Nossa Senhora, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos. E encerramos a segunda fase com duas escaladas no Parque Estadual da Serra da Tiririca, em Niterói: Paredão Emil Mesquita, no Morro do Telégrafo, pelos Caminhantes; e Paredão Osvaldo Pereira, no Alto Mourão, pelos Caminhantes e Escaladores.

Nessas últimas excursões pudemos constatar mais uma vez a evolução dos alunos nesse primeiro ano de Escola de Guias. E tivemos a certeza de que todos os cinco alunos estavam prontos para iniciar a fase mais complexa e exigente: o Estágio Supervisionado, que viria a seguir...

Bonolo

ATIVIDADES REALIZADAS PELA ETGE/2013

SEGUNDA FASE

1) Fis. Melissa - Torres de Bonsucesso
Regrampeação
Guias: Bonolo, Leo e Santa Cruz
13 de abril de 2013 - 7 participantes

2) Tra. da Neblina - PNSO
Caminhada Semi-Pesada
Guias: Bonolo e Leo
14 de abril de 2013 - 6 participantes

3) Morro das Antas (parcial) - PETP
Caminhada Pesada
Guias: Bonolo, Clair, Elis e Cela
28 de abril de 2013 - 8 participantes

4) Par. Mario Arnaud
Morro dos Cabritos PETP
Escalada Muito Difícil
Guias: Leo e Bonolo
11 de maio de 2013 - 5 participantes

5) Tra. do Caparaó - PNC
Caminhada Pesada
Guias: Mauricio, Bonolo e Elis
18 e 19 de maio de 2013 - 10 participantes

6) Dedo de Deus - PNSO
Escalada Difícil/Descida Vertiginosa
Guias: Mauricio, Terra, Clair e Leo
26 de maio de 2013 - 8 participantes

7) Fis. Mariana/Des. Henry Thoreau
Agulhinha Beija-Flor - PNSO
Escalada Muito Difícil/Descida Vertiginosa
Guias: Bonolo e Simone
09 de junho de 2013 - 5 participantes

8) Agulhinha Beija-Flor (via normal)/
Des. Henry Thoreau - PNSO
Escalada Fácil/Descida Vertiginosa
Guias: Santa Cruz e Willy
09 de junho de 2013 - 4 participantes

9) Planalto do Itatiaia - PNI
Atividades Diversas com Acampamento
Guias: Santa Cruz, Elis, Bonolo e Anete
22 e 23 de junho de 2013 - 12 participantes

10) Fis. Melissa - Torres de Bonsucesso - PETP
Regrampeação
Guias: Borges, Bonolo e Santa Cruz
07 de julho de 2013 - 6 participantes

11) Par. Che Guevara/Des. Noite Veloz -
Pedra da Amizade - Petrópolis
Escalada Muito Difícil/Descida Muito Inclinada
Guias: Santa Cruz, Leo, Favre e Buarque
13 de julho de 2013 - 5 participantes

12) Tra. da Neblina - PNSO
Caminhada Semi-Pesada com Escalada Fácil
Guias: Fernando, Bonolo e Elis
13 de julho de 2013 - 9 participantes

13) Garrafão - PNSO
Caminhada Pesada com Escalada Fácil
Guias: Buarque, Carlito, Filipe e Gabriela
20 de julho de 2013 - 5 participantes

14) Agulha do Diabo - PNSO
Escalada Difícil
Guias: Terra e Leo
20 de julho de 2013 - 5 participantes

15) Conquista da Descida Catalunya
Bico Menor - PETP
Conquista
Guias: Buarque, Fernando e Gabriela
04 de agosto de 2013 - 7 participantes

16) Quebra-Frascos - PNSO
Caminhada Semi-Pesada
Guias: Osiris, Cela, Terra, Clair e Buarque
18 de agosto de 2013 - 9 participantes

17) Caixa de Fósforos
e Pico Menor de Friburgo - PETP
Atividades Diversas com Acampamento
Guias: Anete e Boulanger
31 de agosto e 01 de setembro de 2013
4 participantes

18) Via Sylvio Mendes
Pico Maior de Friburgo - PETP
Escalada Muito Difícil
Guias: Bonolo, Clair e Leo
31 de agosto e 01 de setembro de 2013
7 participantes

19) Par. Bendy/Des. Daniel Alvarenga
Dedo de Nossa Senhora - PNSO
Escalada Artificial/Descida Muito Inclinada
Guias: Osiris e Simone
08 de setembro de 2013 - 5 participantes

20) Par. Osvaldo Pereira - Alto Mourão - PEST
Escalada Difícil
Guias: Leo, Simone e Bonolo
22 de setembro de 2013 - 4 participantes

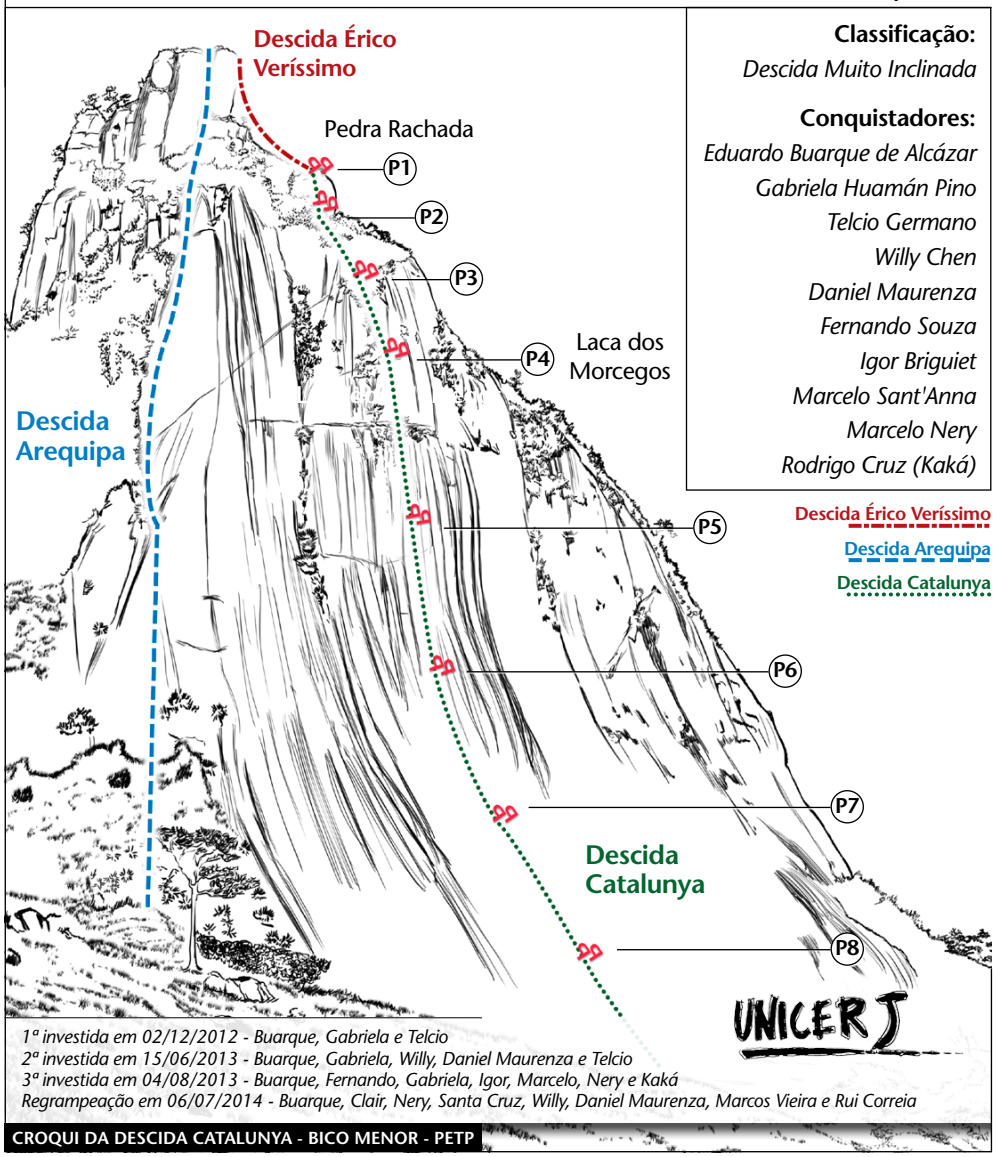
21) Par. Emil Mesquita
Morro do Telégrafo - PEST
Escalada Fácil
Guias: Osiris e Rafael
22 de setembro de 2013 - 4 participantes

AULAS TEÓRICAS, PALESTRAS E DEBATES NA SEDE DO CLUBE

Tema	Guia(s)	Data - Participantes
Nós	Leo	25/02/2013 - 7 participantes
Material Móvel	Leo	13/08/2013 - 11 participantes
Guiando e Organizando Cordadas	Buarque	28/08/2013 - 9 participantes
Organização do Clube	Rafael	04/09/2013 - 7 participantes
Planejamento e Organização de Excursões	Santa Cruz	24/09/2013 - 9 participantes
Técnicas de Resgate	Leo	09/10/2013 - 12 participantes
História da Unicerj	Santa Cruz	16/12/2013 - 10 participantes
Primeiros Socorros	Bonolo	21/01/2014 - 11 participantes

A CONQUISTA DA DESCIDA CATALUNYA

04/08/2013 - Bico Menor - Vale das Sebastianas - Teresópolis/RJ



Classificação:

Descida Muito Inclinada

Conquistadores:

Eduardo Buarque de Alcázar
Gabriela Huamán Pino
Telcio Germano
Willy Chen
Daniel Maurenza
Fernando Souza
Igor Briguiet
Marcelo Sant'Anna
Marcelo Nery
Rodrigo Cruz (Kaká)

1ª investida em 02/12/2012 - Buarque, Gabriela e Telcio
2ª investida em 15/06/2013 - Buarque, Gabriela, Willy, Daniel Maurenza e Telcio
3ª investida em 04/08/2013 - Buarque, Fernando, Gabriela, Igor, Marcelo, Nery e Kaká
Regrampeação em 06/07/2014 - Buarque, Clair, Nery, Santa Cruz, Willy, Daniel Maurenza, Marcos Vieira e Rui Correia

CROQUI DA DESCIDA CATALUNYA - BICO MENOR - PETP

Estou sozinho, no meio do paredão. Aos meus pés e à minha direita está a fenda de onde escuto reclamações do que parecem ser morcegos. Ou serão andorinhas? Não, acho que são morcegos mesmo.

No alto do Bico Menor o vento muito forte dificulta a comunicação entre os participantes da excursão, mas o companheiro Marcelo Sant'anna chega com mais uma corda, como havíamos combinado. Ele pousa ao meu lado e se prende ao grampo recém batido e ao qual eu já me encontrava muito bem "ensolteirado".

À nossa frente está o abismo. Agora, como disse um futebolista conterrâneo do amigo Rui Correia, é a hora de darmos o "passo adiante".

Fixo uma ponta da corda no grampo. Jogo a outra ponta no vazio, respiro fundo e, com um kit de grampeação preparado no embornal, inicio a parte desconhecida e mais vertical da descida que estamos conquistando. O desconhecido sempre dá medo, principalmente num lugar tão alto.

Lá em cima, Gabi, meu ponto sempre seguro, protege a corda em que estamos pendurados contra as arestas na saída da "pedra rachada" onde está começando a nossa nova "Descida Catalunya" (P1). Ficamos mais tranquilos lá embaixo. Ela, Nery e Clair descerão por último encerrando os rapéis. Pouco abaixo deles, na base dessa "pedra rachada", Daniel Maurenza, Marcos Vieira, Rui Correia, Nery, Santa Cruz e Clair revezam marretadas para fixar o grampo de duplicação que solucionará o problema do atrito da corda contra essas arestas, tornando mais seguro o rapel (P2). A essa confortável base, vêm chegando os demais participantes que acompanham o trabalho de duplicação do grampo. Fernando passa aos alunos da ETGE explicações sobre o que planejamos fazer, mas o Igor dorme, sem saber que estava com hepatite.

Já estou fazendo meu rapel, bem cauteloso, e vejo Telcio se juntar ao Marcelo Sant'Anna na "laca dos morcegos" para iniciarem a duplicação desse grampo (P4). Pouco acima de nossas cabeças, ouvem-se as firmes marretadas que Fernando e Santa Cruz dão para fixar os grampos que intermediarão esse rapel, permitindo que a descida possa ser feita com apenas uma corda (P3).

A corda pela qual desço termina em um trecho bem vertical da parede. Nesse ponto tenho que parar para bater mais um grampo e continuar a inédita descida. Ao meu lado, logo aparece o bom amigo Fernando para fazer a duplicação dessa parada (P6). Acima de nós, empoleirado como uma Fênix no ponto mais vertical do rapel, o animado Santa Cruz já começa a instalar o segundo grampo da intermediação (P5). Ele usa um toco de talhadeira bem antiga que os Guias mais novos nunca viram trabalhar e que muitos dos Guias mais antigos não têm habilidade ou coragem para usar.

No novo grampo, fixo outra corda e lanço a ponta livre ao desconhecido, só que agora esse "desconhecido" não inspira tanto medo, pois a pedra está menos inclinada e já nos sentimos mais perto da base. Inicio uma nova descida com a corda em única e passo pela Gabi e pelo Nery que estão juntos abrindo um furo para duplicar o grampo de intermediação recém batido pelo Fernando (P7). De algum lugar escuto o Leo divertido, provocando-os com a história de que seu filho Guilherme consegue bater mais forte com a marreta.

Deixo-os trabalhando acima e desço até o fim de mais uma corda, ainda no meio da parede. Paro para bater outro grampo e quando termino, Rodrigo Cruz chega apressado com uma nova corda. Jogamos sua ponta para baixo e comemoramos com alegria quando descobrimos que ela alcança a base do rapel, onde Willy e Santa se protegem do sol embaixo de uma árvore. Um pouco acima deles, na trilha do pasto, consigo identificar as lanternas do grupo que desceu pela Luís Fernando Veríssimo. Eles estão descendo à noite com muito cuidado, mas de repente a lanterna da Gabi desaparece, tragada junto com sua dona por um dos buracos devoradores de gente escondidos no pasto. Atrás desse grupo, no último rapel da Luis Fernando Veríssimo, uma das cordas ainda está presa na parede, por conta de um nó esquecido em sua ponta. Terei que voltar amanhã com o Telcio para resgatá-la.

Mostro para o Igor, que acaba de chegar ao meu grampo duplicado (P8), onde estão três montanhistas que fogem do temporal e dos raios, na estrada lá em baixo. Esses três ainda não sabem que o fiel Gol verde, que nunca os deixou na mão, mesmo tendo engasgado bastante na subida, ficaria atolado no lamaçal formado pela chuva, quebraria o trambulador na descida da serra e seria finalmente abandonado com o carburador entupido no posto em Albuquerque, onde Lucia e Santa nos esperam com um lanche para comemorar a nova conquista.

Daniel Maurenza, Rui Correia e Marcos Vieira, já em terra firme, enrolam cordas enquanto o Clair, sereno e atento, vai procurando o melhor ângulo para fazermos nossa foto do cume ("la verdadera foto de cumbre", citada pelo montanhista chileno Claudio Lucero).

Finalmente faço o último rapel e, na base, me recebe uma pequena multidão de Gabrielas, Telcios, Willys, Clairs, Fernandos, Santas e Nerys que, ainda de bodriê, comem, comemoram, descansam, discutem e riem. Eu não estava sozinho no paredão.

No meio desse grupo festivo encontro meu pai, Alfonso, animado, recebendo cumprimentos pela bela conquista em homenagem à sua terra natal.

Abraçamo-nos.

Obrigado.

Buarque

curso básico de montanhismo

BONOLO COM ALUNOS DO CBM/2013-2 NO ACAMPAMENTO AÇU - PNSO

O Curso Básico de Montanhismo da Unicerj tem sido oferecido duas vezes por ano aos novos sócios, com o objetivo de prepará-los a participar com segurança das excursões do Clube.

Assim, durante aproximadamente três meses em cada turma, encadeamos uma série de aulas teóricas e excursões, envolvendo caminhadas, técnicas de escalada, equipamentos, acampamentos e atividades de manutenção de trilhas. O segundo CBM de 2013 teve início com a palestra de abertura em 18 de setembro.

A primeira excursão foi no Parque Nacional da Tijuca, no dia 21, passando pela Cocanha, o Platô do Céu e o Taquaruçu. A formatura aconteceu na Festa de Fim de Ano, em dezembro, em Araruama.

Formandos do CBM/2013-2:

- Ana Elisa Araújo Martins
- Cíntia Simões Agostinho
- Déborah Vidal Vasconcellos
- Luiz Omar Gopfert Moreira
- Rui Correia

Atividades do CBM/2013-2

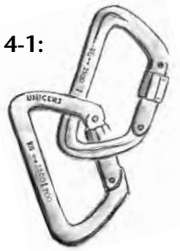
DATA	Atividade	Tipo	Participantes
21/09/13	Circuito Morro da Cocanha/ Taquaruçú	Caminhada Leve	10
28/09/13	Alto Mourão	Caminhada Leve	13
29/09/13	Campo Escola Helmut Heske	Treinamento	13
05 e 06/10/13	Salinas	Atividades Diversas	14
13/10/13	Pedra da Gávea	Caminhada Semi-Pesada	12
19/10/13	Travessia Uricanal	Caminhada Semi-Pesada	8
19 e 20/10/13	Travessia Petrópolis-Teresópolis	Caminhada Pesada	11
20/10/13	Pico da Tijuca via Vale do Caveira/ Cachoeira das Almas	Caminhada Leve	7
02/11/13	Grutas do Spar	Excursão Ecológica	13
03/11/13	Campo Escola Zumbi dos Palmares	Treinamento	15
10/11/13	Campo Escola Grajaú	Treinamento	16
24/11/13	Mutirão Voluntário do PNT	Excursão Ecológica	3
30/11/13	Paredão Augusto Ruschi/ Mesmo Com Sol	Escalada Fácil	7
15/12/13	Paredão Augusto Ruschi/ Mesmo Com Sol	Escalada Fácil	5

Iniciamos 2014 com mais uma turma do CBM, sendo a palestra de abertura em 22 de janeiro e a primeira excursão, ao Tijuca Mirim via Caveira, no dia 26. A festa de formatura coincidiu com a formatura da ETGE/2013 e com a comemoração do 16º Aniversário da Unicerj, em abril, também em Araruama.

Bonolo

Formandos do CBM/2014-1:

- Danilo Prates de Oliveira
- Fernanda Insfran
- Fernando de Castro
- Luciana Mello Vieira
- Marcos Rodrigues Vieira
- Lidiane Albuquerque



Atividades do CBM/2014-1

DATA	Atividade	Tipo	Participantes
26/01/14	Tijuca-Mirim via Caveira	Caminhada Leve	21
01/02/14	Circuito Pico da Tijuca/ Tijuca Mirim/ Vale do Caveira	Caminhada Leve	15
09/02/14	Campo Escola Grajaú	Treinamento	16
15/02/14	Cocanha	Caminhada Leve	7
16/02/14	Campo Escola Zumbi dos Palmares	Treinamento	12
23/02/14	Bico Maior	Caminhada Leve	8
08/03/14	Mutirão Ecológico	Excursão Ecológica	13
15 a 17/03/14	Travessia Petrópolis-Teresópolis	Caminhada Pesada	9
16/03/14	Campo Escola das Paineiras	Treinamento	10
22 e 23/03/14	Castelos do Açu	Caminhada Pesada	12
29/03/14	Paredão Branco	Escalada Fácil	8
30/03/14	Paredão Branco	Escalada Fácil	6
31/03/14	Paredão Branco	Escalada Fácil	6
05/04/14	Campo Escola Zumbi dos Palmares	Treinamento	4
05/04/14	CVI Mutirão do PNT	Excursão Ecológica	5
05 e 06/04/14	Salinas	Excursão Ecológica	11
23/04/14	Campo Escola Grajaú	Treinamento	12

EXCURSÃO DO CBM/2014-1 NO PARQUE NACIONAL DA TIJUCA

PAREDÃO CHE GUEVARA

PAREDÃO CHE GUEVARA
Pedra da Amizade
Petrópolis - 13/07/2013
Guias: Buarque, Favre, Leo e Santa Cruz
Aluno da ETGE/2013: Telcio

Durante a minha Escola de Guias, recebi com grande alegria e expectativa a notícia de que seria programada a escalada do Paredão Che Guevara.

Infelizmente os demais alunos da ETGE Caminhantes e Escaladores não puderam nos acompanhar, mas por outro lado recebemos a notícia que o Buarque estava animado em participar da excursão.

Na véspera, Buarque convidou-me a ficar em sua casa e também o Santa Cruz ligou para fazer o mesmo convite. Fiquei muito feliz com a solidariedade de ambos, mas estrategicamente dormi na casa do Buarque, pois seria importante para que ele não desistisse da escalada.

Saímos às 4h do Largo do Machado e como de costume paramos na casa do Alemão em Petrópolis para tomar café. Não estava entendendo como iríamos fazer isso com o estabelecimento fechado, então fiquei surpreso quando o Santa Cruz tirou do porta malas sanduíches e uma garrafa de café preparado carinhosamente por sua sogra.

Um vento frio soprava enquanto separávamos os materiais para a nossa escalada e apreciávamos o saboroso café. Foi quando o Santa tirou de sua cartola mágica um croqui com muitas páginas detalhando todos os lances, com suas respectivas datas e nomes das pessoas que participaram da conquista. Tive a sensação de ter voltado no tempo, lembrei as histórias das antigas escaladas.

Rumo à Pedra da Amizade, adivinhem quem estava elétrico como criança após o café? Claro que era o Santa Cruz. Ele desceu do carro empolgado para identificar a entrada da "trilha" que nos levaria até a base da via.

Hora de pular do carro com as mochilas. Começamos a varar mato ainda com o uso das lanternas enquanto o Leo foi deixar o carro no posto Brazão. Toca pra cima no meio do mato até atingirmos a pedra e margeando a mesma para a esquerda. Um grampo aparece, mas era de outra via, o Santa com a sua experiência e croqui da via todo memorizado rapidamente localizou o primeiro grampo do Paredão Che Guevara.

Começamos a arrumar as mochilas, pois não seriam todas que subiriam, coloquei o bodriê e calcei as sapatilhas. Sempre tento fazer isso o mais rápido possível, mas acabei atrasando o ligeiro Leo.

Ficamos divididos em duas cordadas, uma guiada pelo Leo, tendo como participantes o Santa Cruz (ele guiou a via de um ângulo diferente, pois cantava todos os lances e contava como foi a conquista) e eu. Na outra cordada estavam o Buarque e o Favre que revezariam a guiada.

O primeiro esticão estava relativamente fácil, sendo que o primeiro grampo ficava distante da base e o grampo de parada precisaria ser duplicado. Finalmente começamos a entrar no ritmo da escalada, o Leo sem nenhuma dificuldade para vencer os lances, por mais difíceis que fossem, algumas vezes laçando os grampos de maneira espetacular. Eu estava tendo grandes dificuldades nos trechos com agarras invisíveis ou aderências quase negativas (parecia ser tão fácil vendo o Leo vencer os obstáculos). A cada parada fixávamos a corda para o Santa Cruz demonstrar toda a sua habilidade jumareando.

Na outra cordada, a cada parada, Buarque e Favre "brigavam" para ver quem guiaria o próximo esticão (bem que o Santa havia falado), mas o motivo da "briga" era porque nenhum dos dois queria prosseguir guiando. Na verdade são dois Guias experientes que escalam muito e estavam brincando, foi divertido ver um elogiando o outro.

A cada lance realizado e esticão completado a via demonstrava toda a sua beleza.

Nos aproximamos de um lindo diedro, quase em sua crista, no trecho chamado de lagarto. Logo após o lagarto tinha uma passagem estranha para a esquerda, fui orientado pelo Leo para segurar a fita longa e usá-la como ponto de equilíbrio, até esticar bem o meu braço num movimento horizontal e pegar uma ótima agarra (parecia que seria impossível, mesmo para os meus longos braços, mas consegui). Buarque usou a nossa corda montando um corrimão, Santa Cruz subiu até o grampo e montou um esquema de rapel para descer até corrigir a linha e voltar a jumarear. Achei incrível, pois o lance era curto, mas houve uma riqueza de conhecimentos e habilidades demonstradas por todos os Guias.

Chegamos próximo ao final da via numa barriga vertical com muitas agarras, mas como não sou forte e a energia já havia se esgotado, foi difícil superar o lance. Depois, o último e fácil esticão, que maravilha, e terminamos a escalada. Não chegamos ao cume, pois teríamos que varar mato e enfrentar lances de trepa pedra, conforme o Santa havia nos dito.

Felizes! Começamos a fazer uma prévia do lanche, que seria devorado por completo no platô abaixo.

Começamos a rapelar a Descida Noite Veloz aferindo seus lances e foi mais um grande aprendizado. O vento estava forte e chegamos em pontos da descida que ainda não foram duplicados. Paramos de aferir e fizemos um longo rapel voltando em direção à primeira parada da via.

Nesse ultimo rapel Santa Cruz, Favre e Leo desceram até a base. Buarque e eu ficamos aguardando que amarrassem o kit de grampeação, mas o Leo subiu rapidamente jumareando e nos entregou todas as ferramentas necessárias. Depois ele ameaçou descer, mas ficou ansioso para ver mais um grampo batido. Buarque iniciou o furo e passou para mim, quando Leo agoniado com a leveza das marretadas pegou da minha mão e rapidamente adiantou o trabalho. Buarque concluiu a colocação de mais um grampo na via e nós descemos. Em seguida foi a vez do Favre se animar em bater um grampo próximo à base, diminuindo a exposição no lance inicial.

De volta à base, ainda de dia, almoçamos e confraternizamos depois de mais uma excelente excursão.

Esta foi uma escalada muito difícil e cheia de aprendizados para mim. **Telcio**

FESTA DE FIM DE ANO Dez 2013

ENCERRAMENTO DA FESTA DE FIM DE ANO DA UNICERJ

Em 2013, a Festa de Fim de Ano da Unicerj foi realizada em grande estilo num fim de semana, nos dias 7 e 8 de dezembro. Dessa vez, a Unicerj se reuniu em Araruama, na acolhedora casa de praia dos pais da sócia Fernanda Insfran, onde fomos muito bem recebidos. Como sempre acontece nas confraternizações de fim de ano, aproveitamos esses dois dias, intensamente vividos, para fazer uma avaliação do conjunto de atividades promovidas pelo Clube nos 12 meses anteriores, bem como dos desafios enfrentados e além disso, fizemos planos para o novo ano que estava prestes a começar.

No sábado, além de um delicioso churrasco, preparado pelo Kaká, tivemos a formatura do segundo Curso Básico de Montanhismo oferecido pela Unicerj em 2013, o CBM/2013-2.

A Festa foi organizada pelo Nery, com supervisão de vários Guias do Clube e valeu como uma das atividades da Escola de Guias iniciada em outubro de 2012. Vale dizer que na Unicerj todos alunos da Escola de Guias, nos seis últimos meses do curso, fazem um estágio supervisionado e precisam guiar um determinado número de atividades, incluindo evidentemente as mais diversas caminhadas, escaladas, acampamentos e travessias. Além disso, devem fazer também uma palestra sobre um tema relacionado com o Montanhismo Amador e organizar uma confraternização - eufemismo para Festa - pois ninguém é de ferro. Isso porque a vida de um Guia Montanhista é muito mais do que subir e descer montanhas, por mais fascinantes que estas possam ser.

Posso assegurar que esta atividade foi mais uma confraternização que cumpriu plenamente todos os objetivos previamente estabelecidos e, por dois dias, compartilhamos histórias divertidas, emoção e muita alegria.

Viajamos na manhã de sábado, comboiados, do Rio de Janeiro, rumo a Região dos Lagos. Ao chegarmos, fomos muito bem recebidos por Liana Fochi, mãe da Fernanda, que àquela altura ainda estava viajando de Santo Antônio de Pádua, onde trabalha. Sem perda de tempo, iniciamos os preparativos para o esperado churrasco, sob a batuta do Kaká, também estagiário da Escola de Guias. Nos esbaldamos na piscina em sucessivos jogos de pólo aquático, sem o menor vestígio de competição no mais autêntico espírito MASENC. Nestas atividades lúdicas e para lá de divertidas, contamos com a impagável e incansável participação entusiasmada de Edgar Insfran, pai da Fernanda que nos fez sentir como se estivéssemos em casa. Não posso deixar de mencionar também a trilha sonora, pois fomos brindados com música de altíssima qualidade, na medida certa.

Quando a noite chegou, teve início a nossa ceia natalina e depois, a exibição do filme *Invictus*, dirigido por Clint Eastwood e magistralmente interpretado por Morgan Freeman, no papel de Nelson Mandela, que havia morrido poucos dias antes, aos 95 anos. Ao passarmos esse filme, que alguns dos presentes já haviam assistido no cinema, nós fazíamos uma homenagem a um homem que passou 27 anos na prisão por lutar contra o execrável regime do apartheid na África do Sul e, ao sair da prisão, foi eleito presidente do seu país, exercendo grande influência em todo o planeta em busca de uma sociedade mais justa e solidária.

No segundo dia tivemos mais churrasco e a formatura do CBM/2013-2.

Leo deu inicio a solenidade e fez o seguinte discurso:

"Estamos aqui para comemorar várias coisas: o fim do ano e as perspectivas para 2014, a formatura de mais um CBM e a nossa Escola de Guias que continua no caminho para que possamos prosseguir com mais excursões no próximo ano, até a formatura, em abril. Estamos aqui também para comemorar a magia da montanha que é cativante e quando a gente descobre é para toda vida. Comigo, pelo menos, foi assim. E também não podemos nos esquecer da Campanha da Sede Própria. Cada atividade como essa que a gente está realizando nesse fim de semana nos aproxima da tão sonhada Sede Própria, que sabemos vai ser muito importante para a Unicerj.

Com a Sede Própria estaremos, por assim dizer, concretizando a estrutura física do nosso Clube, rumo ao futuro. Nesse sentido a gente precisa trabalhar junto. Com força da União a gente chega lá. Pode ser que demore, mas um dia, com ampla participação de todos, a gente chega lá. Quanto ao CBM, é um curso que tem como objetivo receber bem os novos sócios. O CBM da Unicerj tem uma estrutura toda particular. É um curso muito especial que visa integrar os sócios na filosofia da Unicerj. Posso assegurar que a nossa preocupação vai muito além das caminhadas, escaladas e de todas as técnicas relacionadas ao montanhismo. Por isso, espero que vocês, que estão se formando, tenham sentido todo carinho e a participação decisiva de nossos Guias nas aulas teóricas e nas excursões que foram realizadas. Vocês já evoluíram muito e continuarão a progredir no montanhismo. Espero que fiquem em nosso Clube, se integrem cada vez mais, participem efetivamente da vida da Unicerj e possam nos ajudar a tocar esse projeto. Nosso Clube já tem história. E todos nós fazemos parte dessa história.

SANTA CRUZ DISCURSANDO

A seguir, o Diretor Técnico, Bonolo, fez um retrospecto das excursões realizadas durante o ano de 2013 e chamou os três formandos presentes para receberem seus diplomas.

Déborah Vidal foi a primeira e disse o seguinte: "Estou muito feliz em terminar o CBM. Agradeço a todos que puderam participar e aos Guias em especial. Muito obrigada!".

Omar Moreira foi o próximo a se dirigir aos presentes e ele estava visivelmente emocionado: "Sou péssimo para falar. O que eu posso dizer é que é muito bom estar aqui com vocês. Por mais que represente uma montanha, a amizade é o mais importante".

Coube ao Edgar, nosso anfitrião e pai da Fernanda, fazer a entrega do diploma do Omar, nesse momento ele disse algumas palavras: "Isso que vocês estão fazendo é muito importante para vocês mas, é muito mais importante para nós, para nossos filhos e para nossos netos. Tudo isso, essa confraternização, o respeito mútuo, tudo isso é hiper importante. No mundo que a gente vive o respeito foi deixado de lado há muito tempo e vocês estão trazendo ele de volta. O trabalho de vocês na Unicerj é lindo. É um honra para nós receber todos vocês aqui em nossa casa. Eu e a Liana, esperamos poder receber vocês em outras ocasiões para fazer outras festas tão bonitas como esta".

Bonolo, dando continuidade a solenidade de formatura, chamou o Rui Correa, o último formando do CBM a receber seu diploma na festa. Lembrou aos presentes que o Rui já possuía uma grande experiência de montanhismo quando ingressou na Unicerj e nem precisaria fazer o CBM, mas Rui disse que fazia questão. Pois desde que se associou ao Clube ouvia todo mundo a dizer: "Eu fiz o CBM tal... eu fui colega de não sei quem em outro CBM". Então ele disse: "Eu também quero ter uma turma de CBM, pois o CBM é a porta de entrada da Unicerj".

Ao receber seu diploma do Curso Básico de Montanhismo, Rui disse: "Eu gostaria de agradecer a todos vocês. A todos os Guias e em especial aos cinco alunos da Escola de Guias que estiveram presentes nas excursões do CBM que participei e nos transmitiram os seus conhecimentos. Quero dar os parabéns à Unicerj pela preocupação de todos os dirigentes deste Clube, que tem um objectivo tão amplo no que se refere à integração de pessoas, como se pode ver nesta e noutras festas que eu já participei. Mais do que levar pessoas à montanha em caminhadas ou escaladas pela natureza, aqui na Unicerj a preocupação maior é com o ser humano. Quero deixar registrado que me sinto muito bem em todas as actividades organizadas pela Unicerj. Aqui eu me sinto entre amigos. Como se conhecesse cada um de vocês há muitos anos. Gostaria ainda de elogiar a ousadia de um grupo de 15 pessoas que resolveram fundar um Clube. Esse grupo se mobilizou, se uniu com objectivo de preservar o modo de praticar montanhismo em segurança da forma que acreditava e continua a acreditar. Não deve ter sido nada fácil remar contra a maré todos esses anos, mas está valendo a pena . O mais importante é que eles continuam a fazer o que acreditam e é por isso que hoje nós estamos aqui todos juntos. Muito obrigado por tudo. Muito obrigado pela Unicerj existir. É muito bom estar aqui."

Bonolo continuou dizendo: "Quero deixar um agradecimento ao Buarque, Coordenador do CBM, que não pode estar presente mas, que tem se dedicado tanto ao Clube. Leo fez o encerramento agradecendo mais uma vez a hospitalidade do Edgar e da Liana.

Após a cerimônia da formatura iniciamos os preparativos para nossa volta ao Rio. Posso assegurar que esta Festa foi uma das mais belas já realizadas pela Unicerj. Queremos mais.

Santa Cruz

FESTA DE FIM DE ANO DA UNICERJ PROPICIA DESCOBERTAS

Descobri que as tristezas e decepções, ao serem compartilhadas, tornam o fardo bem mais leve, não é mesmo Santa Cruz e Lucia?

Descobri que quando se quer estar junto nada é impossível, faz-se um esforço, não é mesmo Kaká?

Descobri que a melhor rabanada que existe é aquela à moda portuguesa feita por um chinês, não é mesmo Willy?

Descobri que uma bola transforma homens em meninos, não é mesmo Omar, Rui, Telcio, Bonolo, Fernando, Nery, Santa Cruz, Carlito, Edgar, Leo?

Descobri que 20 pães é pouco e que 60 também, não é mesmo Leo (fã de cachorro quente) e amantes de pão de alho?

Descobri o prazer de estar junto, de comer junto, de beber junto, de rir junto, de assistir um filme junto e de sonhar por um mundo mais justo e melhor junto.

Descobri que nunca se está sozinho entre amigos.

Descobri que mais importante do que saber fazer é com quem se faz, não é mesmo Rui?

Descobri que a emoção é capaz de calar os mais falantes, não é mesmo Omar?

Descobri que o Leo, além de excelente montanhista, é um ótimo pai. Ele ensinando seu filho Guilherme de 5 anos a jogar xadrez foi uma das cenas mais comoventes da festa. Essa doação pai-filho é a prova viva de que há ainda outras formas de entreter uma criança que não seja os jogos eletrônicos. Contudo, muito mais trabalhosa, exige paciência, dedicação e muito amor.

Descobri que um baralho pode aproximar pessoas e travar novas amizades, não é mesmo Filipe Chen?

Descobri que em uma festa da Unicerj podemos fazer preciosos contatos profissionais, não é mesmo Fernanda (professora da UFF - campus Santo Antônio de Pádua), Lidiane (ex-aluna do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz, atual servidora do Inmetro) e Elis (ex- aluna da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fiocruz e professora da UFRJ)?

Descobri que o mundo é muito pequeno, todo mundo se conhece!

Descobri que jenipapo é uma fruta que tem cheiro ruim e sabor pior ainda.

Descobri a diferença entre receber e acolher. Nesse sentido, os pais da Fernanda são imbatíveis. Se depender disso e da empolgação do Santa Cruz, todas as próximas festas da Unicerj serão realizadas tendo Edgar e Liana como nossos anfitriões.

Descobri que echarpes feitas pela mãe da Fernanda podem tornar uma rifa extremamente atraente, não é mesmo mulherada?

Descobri que ter como meta uma Sede Própria faz toda a diferença.

Descobri que podemos passar um fim de semana maravilhoso entre amigos.

Obrigada Nery e família por essa festa e por me proporcionar tantas descobertas.

Obrigada Unicerj por existir na vida do meu marido Osiris e na minha.

Rosany Bochner

estágio supervisionado etge 2013

TRAVESSIA PETRÓPOLIS-TERESÓPOLIS - PNSO

O Estágio Supervisionado de uma Escola Técnica de Guias Excursionistas é o período em que os alunos organizam e conduzem as suas primeiras excursões, sempre acompanhados de pelo menos um Guia da Unicerj, que atua como Supervisor.

Além de todas as dificuldades, essa fase é muito interessante para os Estagiários e para os demais sócios, pois há uma enxurrada de excursões e atividades complementares das mais variadas. É o momento em que o motor da ETGE movimenta toda a Unicerj, não só nas montanhas, mas também em festas e em eventos na sede, como palestras e encontros para manutenção e organização do nosso Clube. Os novatos passam a conhecer melhor os futuros Guias e vice-versa.

A ETGE/2013 foi a terceira em que atuei como Diretor Técnico. Logo após a conclusão, solicitei a minha substituição, pois não estava mais sendo possível dedicar o tempo necessário para exercer a função com a devida seriedade. Mas durante todo o fim de semana da formatura, vendo a desenvoltura nos memoriais e a integração dos novos Guias com os mais antigos e com os demais sócios, fiquei com a sensação de dever cumprido.

Parabéns aos novos Guias Igor, Kaká, Marcelo, Nery e Telcio! Parabéns a todos nós e viva a Unicerj!

Bonolo

ATIVIDADES REALIZADAS PELO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DA ETGE/2013

1) Salinas* - PETP
Atividades Diversas com Acampamento
Estagiários: Marcelo e Telcio
Supervisores: Willy, Porto, Natan e Simone
05 e 06 de outubro de 2013 - 14 participantes

2) Jacó - PNSO
Excursão Exploratória com Regrampeação
Estagiário: Kaká
Supervisores: Osiris, Buarque e Filipe
06 de outubro de 2013 - 6 participantes

3) Pedra da Gávea* - PNT
Caminhada Semi-Pesada
Estagiários: Igor e Nery
Supervisores: Fernando, Anete, Bonolo e Elis
13 de outubro de 2013 - 12 participantes

4) Tra. Petrópolis-Teresópolis* - PNSO
Caminhada Pesada com Acampamento
Estagiários: Igor e Telcio
Supervisores: François, Fernando e Bonolo
19 e 20 de outubro de 2013 - 11 participantes

5) Pico da Tijuca via Vale do Caveira/ Cachoeira das Almas* - PNT
Caminhada Leve
Estagiário: Kaká
Supervisores: Osiris e Elis
20 de outubro de 2013 - 7 participantes

6) Jacó - PNSO
Excursão Exploratória
Estagiário: Kaká
Supervisores: Cela, Osiris, Filipe e Clair
26 de outubro de 2013 - 7 participantes

7) Corcovado via Parque Lage - PNT
Caminhada Leve
Estagiário: Marcelo
Supervisores: Fernando e Boulanger
02 de novembro de 2013 - 14 participantes

8) Serrilha do Papagaio - PNT
Caminhada Semi-Pesada
Estagiário: Nery
Supervisor: Osiris
02 de novembro de 2013 - 9 participantes

9) Grutas do Spar* - Maricá
Caminhada Leve/Excursão Ecológica
Estagiário: Telcio
Supervisores: Clair, Celeste e Willy
02 de novembro de 2013 - 13 participantes

10) Par. Infravermelho - Morro da Urca
Escalada Fácil
Estagiário: Kaká
Supervisor: Borges
02 de novembro de 2013 - 4 participantes

11) Cam. Esc. Zumbi dos Palmares* Morro da Urca
Treinamento
Estagiários: Igor e Nery
Supervisores: Favre, Fabio, Osiris, Leo e Fernando
03 de novembro de 2013 - 15 participantes

12) Cir. Serra da Carioca/Transcarioca (parcial) - PNT
Excursão Exploratória
Estagiário: Nery
Supervisor: François
09 de novembro de 2013 - 9 participantes

13) Cam. Esc. Grajaú* - PEG
Treinamento
Estagiários: Kaká e Marcelo
Supervisores: Cela, Simone, Fabio e Fernando
10 de novembro de 2013 - 16 participantes

14) Tra. da Bocaina - PNSB
Caminhada Pesada com Acampamento
Estagiários: Telcio e Marcelo
Supervisores: Natan, Willy e Simone
15 e 16 de novembro de 2013 - 15 participantes

15) Par. Emil Mesquita Morro do Telégrafo - PEST
Escalada Fácil
Estagiário: Igor
Supervisores: Borges e François
16 de novembro de 2013 - 3 participantes

16) Pedra Bonita - PNT
Caminhada Leve
Estagiário: Nery
Supervisores: Lucia e Santa Cruz
16 de novembro de 2013 - 17 participantes

17) Par. Ricardo Prado - Morro da Babilônia
Escalada Difícil
Estagiário: Marcelo
Supervisores: Leo e Bonolo
20 de novembro de 2013 - 5 participantes

18) Par. Augusto Ruschi/Par. Mesmo com Sol Morro da Urca
Escalada Fácil
Estagiário: Nery
Supervisores: Carlito e Osiris
20 de novembro de 2013 - 5 participantes

PAREDÃO LUIZ ARNAUD - MORRO DA BABILÔNIA

TRAVESSIA DA BOCAINA - PSNB

19) Pico da Tijuca - PNT
Caminhada Leve
Estagiário: Igor
Supervisores: Leo e Santa Cruz
23 de novembro de 2013 - 9 participantes

20) Mutirão Voluntário do PNT* - PNT
Excursão Ecológica
Estagiário: Igor
Supervisor: Buarque
24 de novembro de 2013 - 3 participantes

21) Festa dos Guias - Casa do Kaká
Confraternização
Estagiário: Kaká
Supervisora: Lucia
24 de novembro de 2013 - 18 participantes

22) Costão do Pão de Açúcar Vespertino
Pão de Açúcar - Urca
Escalada Fácil
Estagiário: Igor
Supervisores: Boulanger e Osiris
27 de novembro de 2013 - 6 participantes

23) Des. Metrópolis - Bico do Papagaio - PNT
Descida Vertiginosa
Estagiário: Marcelo
Supervisores: Santa Cruz e Osiris
30 de novembro de 2013 - 6 participantes

24) Par. Augusto Ruschi/Par. Mesmo com Sol*
Morro da Urca
Escalada Fácil
Estagiário: Igor
Supervisores: Buarque, Leo e Anete
30 de novembro de 2013 - 7 participantes

25) Par. Luiz Arnaud - Morro da Babilônia
Escalada Difícil
Estagiário: Kaká
Supervisor: Bonolo
30 de novembro de 2013 - 4 participantes

26) Festa de Fim de Ano - Araruama
Confraternização
Estagiário: Nery
Supervisor: Santa Cruz
07 de dezembro de 2013 - 37 participantes

27) Ilha Grande - PEIG
Atividades Diversas com Acampamento
Estagiários: Nery e Kaká
Supervisores: Fernando, Cela e Clair
14 e 15 de dezembro de 2013 - 13 participantes

28) Des. Milton Santos - Andaraí Maior - PNT
Descida Vertiginosa
Estagiário: Telcio
Supervisores: Osiris e Santa Cruz
14 de dezembro de 2013 - 4 participantes

29) Par. Augusto Ruschi/Par. Mesmo com Sol*
Morro da Urca
Escalada Fácil
Estagiário: Telcio
Supervisores: Favre e Rafael
15 de dezembro de 2013 - 5 participantes

30) Fis. Mariana/Des. Henry Thoreau
Agulhinha Beija-Flor - PNSO
Escalada Muito Difícil/Descida Vertiginosa
Estagiários: Telcio e Marcelo
Supervisores: Leo, Porto e Santa Cruz
21 de dezembro de 2013 - 5 participantes

31) Pico da Tijuca - PNT
Caminhada Leve
Estagiário: Nery
Supervisores: Buarque, Gabriela, Anete, Celeste, Santa Cruz e Clair
22 de dezembro de 2013 - 15 participantes

32) Cha. Stop - Pão de Açúcar
Escalada Difícil
Estagiários: Kaká e Marcelo
Supervisores: Leo e Clair
28 de dezembro de 2013 - 4 participantes

33) Par. XV de Novembro
Agulhinha da Gávea - PNT
Escalada Fácil
Estagiário: Marcelo
Supervisores: Osiris e Santa Cruz
29 de dezembro de 2013 - 5 participantes

34) Bico do Papagaio - PNT
Caminhada Leve/Excursão Ecológica
Estagiários: Nery e Marcelo
Supervisores: Buarque, Santa Cruz, Osiris e Gabriela
05 de janeiro de 2014 - 18 participantes

35) Caminho das Caixas D'Água - PNT
Caminhada Leve com Simulação de Resgate
Estagiários: Marcelo e Igor
Supervisores: Bonolo, Terra, Leo e André
11 de janeiro de 2014 - 9 participantes

36) Agulhinha Beija-Flor - PNSO
Caminhada Leve/Escalada Fácil com Simulação de Resgate
Estagiário: Nery
Supervisor: Buarque
12 de janeiro de 2014 - 6 participantes

37) Tra. da Neblina - PNSO
Caminhada Semi-Pesada com Escalada Fácil
Estagiário: Igor
Supervisores: André e Natan
12 de janeiro de 2014 - 3 participantes

38) Comportamento de Risco e Segurança no Montanhismo - Uma Abordagem Teórica
Sede do Clube
Palestra
Estagiário: Marcelo
Supervisor: Rodrigo
15 de janeiro de 2014 - 15 participantes

39) Des. Metrópolis/Par. Bolha D'Água
Bico do Papagaio - PNT
Descida Vertiginosa/Escalada Fácil
Estagiário: Kaká
Supervisores: Borges, Rodrigo e Osiris
18 de janeiro de 2014 - 5 participantes

40) Planalto do Itatiaia - PNI
Caminhadas Diversas
Estagiário: Igor
Supervisores: André e Favre
18 a 20 de janeiro de 2014 - 12 participantes

41) Par. Arco-Íris - Morro da Urca
Escalada Fácil
Estagiário: Igor
Supervisoras: Anete e Celeste
24 de janeiro de 2014 - 3 participantes

42) Par. Osvaldo Pereira - PEST
Escalada Difícil
Estagiário: Telcio
Supervisores: Leo e Rodrigo
25 de janeiro de 2014 - 3 participantes

43) Par. Bohemia Gelada (parcial)
Pão de Açúcar
Escalada Difícil
Estagiário: Marcelo
Supervisor: François
25 de janeiro de 2014 - 3 participantes

44) Par. Infravermelho - Morro da Urca
Escalada Fácil
Estagiário: Igor
Supervisor: André
01 de fevereiro de 2014 - 5 participantes

45) Tra. da Neblina - PNSO
Caminhada Semi-Pesada com Escalada Fácil
Estagiário: Nery
Supervisores: Nery e Osiris
02 de fevereiro de 2014 - 6 participantes

46) Var. Pancho Villa - Pedra Bonita
Regrampeação
Estagiário: Marcelo
Supervisores: Leo e Rafael
08 de fevereiro de 2014 - 4 participantes

47) Morro do Telégrafo e Circuito Praias de Guaratiba - Barra de Guaratiba
Caminhada Leve
Estagiário: Marcelo
Supervisores: Fernando e Willy
09 de fevereiro de 2014 - 12 participantes

48) Cam. Esc. Grajaú* - PEG
Treinamento
Estagiários: Telcio e Igor
Supervisores: Osiris, Anete e Clair
09 de fevereiro de 2014 - 16 participantes

49) Costão do Pão de Açúcar Vespertino
Pão de Açúcar
Escalada Fácil
Estagiários: Nery e Igor
Supervisora: Anete
14 de fevereiro de 2014 - 5 participantes

50) Cha. Stop - Pão de Açúcar
Escalada Difícil
Estagiários: Kaká e Telcio
Supervisor: Leo
15 de fevereiro de 2014 - 5 participantes

51) Pedra do Faraó* (parcial)
Nova Friburgo
Caminhada Pesada
Estagiário: Igor
Supervisores: Filipe, Clair e Bira
16 de fevereiro de 2014 - 6 participantes

52) Abertura e Manutenção de Trilhas Sede do Clube
Palestra
Estagiário: Igor
Supervisor: Buarque
19 de fevereiro de 2014 - 13 participantes

53) Par. Osvaldo Pereira - Alto Mourão - PEST
Escalada Difícil
Estagiário: Marcelo
Supervisores: Simone e Leo
22 de fevereiro de 2014 - 4 participantes

54) Dedo de Deus, Via Teixeira/ Des. Montanhismo Amador - PNSO
Escalada Difícil/Descida Vertiginosa
Estagiário: Kaká
Supervisores: Bonolo e Cela
23 de fevereiro de 2014 - 4 participantes

55) Parque Municipal de Nova Iguaçú Nova Iguaçú
Caminhada Leve
Estagiário: Marcelo
Supervisor: Osiris
23 de fevereiro de 2014 - 8 participantes

56) Des. Gustavo Benevides Bico Maior - PETP
Descida Muito Inclinada com Aferição
Estagiário: Nery
Supervisor: Buarque
23 de fevereiro de 2014 - 3 participantes

57) Par. Olimpo - Agulhinha da Gávea - PNT
Escalada Difícil com Aferição
Estagiário: Marcelo
Supervisor: Osiris
03 de março de 2014 - 3 participantes

PAREDÃO OSVALDO PEREIRA - PEST

58) Mutirão Ecológico* - PNT
Excursão Ecológica
Estagiário: Kaká
Supervisores: Clair, François e Igor
08 de março de 2014 - 13 participantes

59) Salinas - PETP
Atividades Diversas com Acampamento
Estagiário: Marcelo
Supervisores: Elis, Bonolo, Simone, Osiris e Fernando
15 e 16 de março de 2014 - 14 participantes

60) Tra. Petrópolis-Teresópolis* - PNSO
Caminhada Pesada com Acampamento
Estagiários: Nery e Kaká
Supervisores: Boulanger e Clair
15 a 17 de março de 2014 - 9 participantes

61) Dia na Sede - Sede do Clube
Organização
Estagiário: Nery
Supervisores: Jeferson e Clair
19 de março de 2014 - 5 participantes

62) Castelos do Açu* - PNSO
Caminhada Pesada com Acampamento
Estagiários: Marcelo e Igor
Supervisores: Buarque e Fernando
22 e 23 de março de 2014 - 12 participantes

63) Via dos Italianos - Pão de Açúcar
Escalada Muito Difícil
Estagiário: Kaká
Supervisor: Leo
22 de março de 2014 - 2 participantes

64) Dia na Sede - Sede do Clube
Limpeza/Organização
Estagiário: Kaká
Supervisores: Simone e Osiris
26 de março de 2014 - 4 participantes

65) Valores do MASENC - Casa do Kaká
Palestra
Estagiário: Kaká
Supervisor: Santa Cruz
29 de março de 2014 - 21 participantes

66) Par. Branco - Morro da Urca
Escalada Fácil com Regrampeação e Aferição
Estagiário: Telcio
Supervisores: François e Santa Cruz
29 de março de 2014 - 4 participantes

67) Tra. Teresópolis-Petrópolis - PNSO
Caminhada Pesada
Estagiário: Marcelo
Supervisores: Leo e Terra
29 de março de 2014 - 4 participantes

68) Par. Branco* - Morro da Urca
Escalada Fácil com Regrampeação
Estagiário: Nery
Supervisores: Buarque e Anete
31 de março de 2014 - 6 participantes

69) Salinas* - PETP
Excursão Ecológica com Acampamento
Estagiário: Nery
Supervisores: Porto, Willy, Santa Cruz e Lucia
05 e 06 de abril de 2014 - 11 participantes

70) Pedra Bonita - PNT
Caminhada Leve
Estagiário: Telcio
Supervisor: Bonolo
05 de abril de 2014 - 4 participantes

71) Par. Íbis (até o 1º platô) - Pão de Açúcar
Escalada Difícil com Bivaque e Simulação de Resgate
Estagiário: Kaká
Supervisor: Carlito
05 e 06 de abril de 2014 - 4 participantes

72) Par. Íbis (1º esticão) - Pão de Açúcar
Escalada Artificial com Simulação de Resgate
Estagiário: Telcio
Supervisores: Buarque e Osiris
06 de abril de 2014 - 4 participantes

73) Festa dos 102 anos da Conquista do Dedo de Deus - Sede do Clube
Confraternização
Estagiário: Marcelo
Supervisora: Lucia
09 de abril de 2014 - 26 participantes

74) Dedo de Deus - Via Face Leste - PNSO
Escalada Difícil/Descida Vertiginosa
Estagiários: Telcio e Marcelo
Supervisores: Leo, Borges e Willy
12 de abril de 2014 - 5 participantes

75) Par. XV de Novembro Agulhinha da Gávea - PNT
Escalada Fácil
Estagiário: Kaká
Supervisores: François e Osiris
13 de abril de 2014 - 3 participantes

76) Morro das Antas* - PETP
Caminhada Pesada
Estagiário: Igor
Supervisor: Buarque
13 de abril de 2014 - 6 participantes

77) Festa dos Bolhas d'Água - PNT
Confraternização
Estagiário: Telcio
Supervisor: Carlito
13 de abril de 2014 - 18 participantes

78) Não Competitividade - Sede do Clube
Palestra
Estagiário: Nery
Supervisor: Willy
14 de abril de 2014 - 9 participantes

79) Dia na Sede - Aferição de Cordas Sede do Clube
Organização
Estagiário: Marcelo
Supervisora: Celeste
15 de abril de 2014 - 4 participantes

80) Dia na Sede - Sede do Clube
Organização
Estagiário: Igor
Supervisor: Osiris
15 de abril de 2014 - 3 participantes

81) Solenidade Comemorativa dos 16 anos de Fundação da Unicerj - Sede do Clube
Confraternização
Estagiário: Igor
Supervisores: Santa Cruz
17 de abril de 2014 - 39 participantes

82) Parnaioca - Ilha Grande - PEIG
Caminhada Pesada com Acampamento
Estagiário: Kaká
Supervisora: Simone
18 de abril de 2014 - 8 participantes

83) Fis. Mariana - Agulhinha Beija-Flor - PNSO
Escalada Muito Difícil
Estagiário: Telcio
Supervisores: Carlito e Leo
19 de abril de 2014 - 4 participantes

84) Dia na Sede - Sede do Clube
Organização
Estagiário: Telcio
Supervisor: Jeferson
21 de abril de 2014 - 4 participantes

85) Par. Mesmo com Chuva/Par. Mulher Ingrata - Morro da Urca
Escalada Fácil
Estagiário: Telcio
Supervisor: Osiris
23 de abril de 2014 - 4 participantes

86) Caso CEPI - Araruama
Palestra
Estagiário: Telcio
Supervisor: Tarcisio
26 de abril de 2014 - 37 participantes

*Excursões conjuntas com CBM ou CIM

DIGAMOS NÃO A ESSA ECOLOGIA DE FACHADA

E um dia eu abro um jornal largado perto da minha mesa e leio a seguinte manchete: "Privatização de Jericoacoara e de outros três parques divide opiniões." Arregalei os olhos em estado de choque e fui ler sobre o que se tratava; não demorou para me revoltar terrivelmente. Ressaltando a incapacidade estatal de administrar, falava-se de parcerias público privadas (PPP) para gerir as Unidades de Conservação. A reportagem, no entanto, assumia a polêmica ao redor da proposta, ainda não levada a efeito. É impressionante como o tempo passa e a ladainha do "é privatizando que se resolvem os problemas" continua firme e forte. Talvez seja por isso que atacam tanto as Universidades públicas e a Petrobras: é perigoso ter tantos anti-exemplos da teoria de submissão ao capital. Engraçado que quase ninguém comenta que os serviços de telefonia brasileiros, além de liderarem a lista dos mais caros do mundo, são os campeões de reclamação no PROCON e nada têm de eficientes e bem gerenciados. Igualmente se pode falar das empresas de transportes urbanos, que além de mal remunerarem seus funcionários nos tratam como cidadãos de segunda categoria. E o que dizer das empresas aéreas, que parecem nos transportar em vans que voam? Espero o momento em que se cobre uma taxa pelo uso do papel higiênico. Mas, não nos percamos em divagações. O ponto aqui é a questão dos Parques Nacionais.

Lembrei logo do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha, que já é uma concessão da Econoronha, uma filial da empresa Cataratas do Iguaçu S.A, a qual administra as cataratas há doze anos. Lá em Foz o parque está lindo, mas eles cobram muito caro por qualquer coisa. Quanto à Fernando de Noronha, o que me dizem de praia com catraca e controle de acesso? Por favor, é no mínimo ridículo! Passar crachá eu só aceito no trabalho!

Parece-me que a concessão de parques à iniciativa privada tem sido uma estratégia do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão federal responsável pela administração das Unidades de Conservação ambiental brasileiras. Nada que se surpreenda em um país onde quase tudo está passando à iniciativa privada... Para que a gente paga imposto mesmo, hein? O Governo busca se desobrigar tanto, que está perdendo sua razão de ser. Mas, tudo bem, não vou falar de política porque todos que me conhecem sabem o quanto repudio essas privatizações e coisas absurdas do tipo Leilão de Libra (sim, escrevi 'absurdas'). Voltemos aos Parques Nacionais.

Por que será que estamos assistindo a este movimento de entrega dos parques ao capital? Será que quando os porta vozes desta tendência dizem que somente assim a preservação à natureza está garantida, eles realmente acreditam no que estão querendo nos convencer? O projeto de entrega, desculpem, de privatização, dos parques cearenses e piauienses, conforme a reportagem, é ousado. Querem fazer hotéis, lanchonetes e mais aquelas lojinhas de souveniers (onde tudo custa uma meiga fortuna) para tornar os parques mais atrativos. Será que alguém vê alguma consciência ecológica nisso aí?

De acordo com a Revista Planeta, edição 489 - julho/2013*, pode-se fazer uma continha simples para se constatar que aproximadamente 62% dos parques brasileiros são fechados à visitação. Por quê? Preservação? Conforme disse e escrevi mais de uma vez, entendo que quando um parque abre suas portas, as pessoas têm a oportunidade de conhecê-lo, respeitá-lo e preservá-lo. Trilha que ninguém usa é aquela onde o caçador mata, o explorador destrói e os vândalos barbarizam. Parque fechado é aquele onde as empresas sem compromisso pilham e causam distúrbios verdadeiros sem que ninguém veja para denunciar. Repito então a pergunta: fechar as portas é preservar?

Agora pensemos de outra forma: quando se privatiza um parque, nos moldes como estamos fazendo, e se criam recursos muitas vezes dispensáveis para que se justifique a cobrança de uma taxa abusiva, não estaria sendo algo parecido com fechar as portas? Quanto mais caro, menos gente. Quanto mais o capital ganha corpo, mais a integração com a natureza torna-se proibitiva a grande parte da população.

E em meio a tudo isso, vem à tona a notícia de que a Convenção nº 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho), que o Brasil assinou em 2002 na ONU, ao contrário de promover o debate e a integração com os povos indígenas na tomada de decisões que lhes dizem respeito, não passaria de uma armadilha para ferir a soberania nacional. Independentes em seus territórios, os grupos indígenas seriam presas fáceis aos exploradores de recursos hídricos, minerais e de tudo que a biodiversidade local proporciona.

Assistiríamos os duros golpes dos corsários da modernidade pilhando nossas riquezas e nada poderíamos fazer, em virtude de termos aberto mão de nosso direito soberano ao ter assinado tal acordo. Não sei se é assim mesmo, não me aprofundei no tema ainda, mas, verdades ou mentiras, o que vejo hoje, quando penso em soberania, Parques Nacionais e políticas de inclusão, me assusta.

Não defendo que o modelo passado era tão bom, certamente precisamos de mudanças, mas não estas! Tampouco entendo que é hora de 'jogar a toalha', ao contrário: é hora de abrir os olhos. Como bem disse o Santa Cruz na Festa dos Conquistadores e das Conquistas, excelente e divertidíssima, aliás, do dia 29 de maio: "quem não gosta de política deve arcar com as consequências de sua omissão". Que cada um de nós faça o que pode fazer e que nunca percamos a esperança ou o desejo de contribuir para um país mais justo. Somos montanhistas! Temos no peito a chama da liberdade! Não podemos nos calar diante de tantos absurdos!

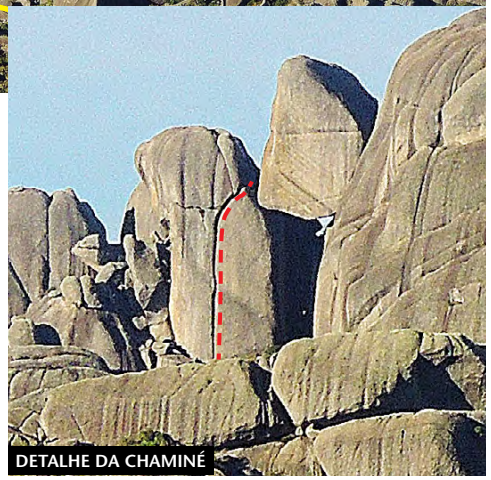
Carla Marinho

*http://revistaplaneta.terra.com.br/secao/meio-ambiente/abram-os-parques

"VÃO TREINAR MAIS!"

Bisogna allenarsi di più

PRATELEIRAS - PNI



DETALHE DA CHAMINÉ

Em junho de 2013 instaurou-se uma polêmica no Parque Nacional do Itatiaia, protagonizada por um grupo de montanhistas que retirou proteções de uma escalada localizada no maciço das Prateleiras. Composto de três pessoas (um italiano, um francês e um brasileiro), o grupo julgou que, por se tratar de uma chaminé de meio-corpo, não se justificariam as proteções colocadas previamente pelos conquistadores. Estes, no entanto, protestaram, alegando que as proteções eram necessárias, já que o primeiro ponto onde pode ser colocada alguma proteção móvel localiza-se a 18 metros da base.

Vale fazer um parêntese neste contexto e lembrar que a Unicerj não está calcada sob fundamentos esportivos, competitivos ou de uma ecologia excludente. Acreditamos que o montanhismo não é um fim em si mesmo, mas um catalisador para união de pessoas motivadas a estabelecer um ambiente em que o ser humano seja solidário respeitando a natureza. E não paramos por aí: este movimento e seus integrantes devem ser 100% voluntários, sem visar a qualquer tipo de lucro ou proposta competitiva. Daí surge a sigla que resume a nossa filosofia: MASENC - Montanhismo Amador, Solidário, Ecológico e Não-competitivo.

Isso significa que, para nós, em primeiro lugar vem o ser humano e nas escaladas ou caminhadas o fator mais importante é a segurança. É essa a ética que seguimos em nosso Clube.

Talvez por esta maneira de pensar, nós da Unicerj cansamos de ouvir que algumas de nossas conquistas são um equívoco, porque colocamos proteções fixas ao lado de fendas. Sabemos que tal discurso está calcado em raízes estrangeiras, uma vez que o berço da atividade de escalada é o continente europeu. No Brasil o discurso foi incrementado e as supostas justificativas éticas estão aliadas a supostos argumentos ecológicos. Em resumo, quando nos criticam, a mensagem final que recebemos insinuada ou diretamente é: "Vão treinar". Para nós este julgamento não importa. Praticamos montanhismo para nós mesmos e para quem concordar com nossa filosofia.

Quando ficamos a par do incidente ocorrido no Parque Nacional do Itatiaia, foi inevitável relacionar o relato à nossa história. Na referida polêmica, o que se vê novamente é um grupo arbitrariamente impondo a outro determinadas condições baseadas em uma supremacia técnica. Existem dois fatos curiosos:

- quem sofreu com a arbitrariedade foram pessoas que gozam de certa notoriedade no montanhismo e defensoras de uma ética com a qual nos damos o direito de não concordar;
- desta vez quem está dizendo que proteções fixas não devem ser colocadas ao lado de fissuras ou chaminés são os próprios europeus, um discurso que pode ser genuíno na Europa, berço da escalada mundial… mas ao nosso ver aqui no Brasil não tem nada de genuíno.

Infelizmente, é comum assistirmos escaladores brasileiros reproduzirem sem pensar qualquer bobagem que venha do exterior. É como diz o provérbio: "O feitiço se volta contra o feiticeiro".

Algo parecido ocorreu na Argentina, em uma das montanhas mais míticas do mundo, o Cerro Torre, mais precisamente na famosa Via do Compressor, localizada na face sudeste. Mas antes devemos relembrar a história desta mítica via[1].

Resumidamente, tudo começa em 1959, quando o italiano Cesare Maestri, então com 29 anos, alega ter concluído a primeira ascensão desta montanha. Infelizmente seu companheiro de cordada, o austríaco Toni Egger, morre em uma avalanche durante a descida e, em meio à desconfiança da comunidade montanhista, o feito da dupla não é reconhecido. Como um tapa de luva de pelica, em 1970 Maestri retorna à montanha e, usando um compressor, estabelece um artificial que o leva ao cume do Cerro Torre, "roubando" a primazia de outros escaladores. Muitos reprovaram o estilo de Maestri. Reinhold Messner, por exemplo, carimbou o feito como "o assassinato do impossível".

Apesar de todas as discordâncias, a via tornou-se uma parte da história mundial da escalada, visto que todas as características do Cerro Torre o tornam uma das agulhas mais impressionantes do mundo. A escalada de Cesare Maestri foi repetida até o ano de 2012, quando uma cordada composta por um americano e um canadense arrancou cerca de 125 grampos da famosa linha. No mesmo dia, estes escaladores levaram 13 horas para chegar ao cume pela mesma face sudeste, sem usar dezenas dos grampos fixados à rocha por Maestri.

O feito dos dois escaladores causa polêmica até hoje. Alguns concordam com a atitude, outros não. O mais surpreendente é que muitos dos que defendem a permanência da Via do Compressor o fazem somente pelos motivos históricos. E com isso, novamente a montanha é relegada a questões meramente técnicas e a uma ética duvidosa. A Unicerj não pode ter outro julgamento a não ser repudiar mais um ato arbitrário, porque não se trata de ética ou qualquer tipo de filosofia.

Conforme mencionamos na Carta Aberta aos Montanhistas do Rio de Janeiro e à Sociedade[2]: "Se reduzirmos ao absurdo o raciocínio deturpado de que não se deve bater grampos em locais onde apenas uma minoria de escaladores pode passar, chegaremos ao ponto em que qualquer um poderá alegar, até mesmo falsamente, de já ter conquistado as mais impossíveis vias". De fato, parece que este dia já chegou. O nível dos escaladores cresceu tanto nas últimas décadas que sempre haverá um escalador melhor do que nós. E se nós dizemos que determinada parede pode ter apenas 10 grampos, outra pessoa pode discordar e afirmar que um único grampo é suficiente. Ao que tudo indica, é uma divergência que se estenderá aos extremos do infinito. Neste cenário vemos uma das pontas de um iceberg que não é pequeno. Notam a semelhança com o episódio das Prateleiras relatado no começo deste artigo?

Outras situações nos mostram que os critérios que regem a tal ética da escalada são questionáveis. Em 2002, a Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro (FEMERJ) criou um documento chamado "Diretrizes de Mínimo Impacto para Urca" onde foram sugeridos procedimentos com o objetivo de evitar impacto no local (tanto na vegetação, como no terreno ou na rocha).

Nas "Recomendações Gerais" do documento são apresentados 10 tópicos com todo tipo de sugestões, como dar preferência a descida por caminhada em vez do rapel, não usar fu-

radeiras em conquistas, não usar a vegetação como ancoragem, entre outras. Entendemos que o documento foi elaborado com boas intenções e inclusive com a participação de parte da comunidade, mas existem alguns pontos que já revelaram fraquezas. Uma das recomendações sugere "evitar alguns equívocos como: abertura de variantes medíocres, rotas muito próximas ou atravessando (e por vezes intermediando) vias clássicas, etc…". Esta sugestão se reflete mais à frente, na segunda parte do documento que relaciona as "Recomendações Específicas", onde setores da Urca são apontados como saturados de escaladas.

Por exemplo, no Morro da Babilônia, setor "Entropia - Diedro Phoenix", sugere-se desequipar a via "Paredão Unesco", localizada à esquerda do "Paredão M2". De fato as vias se aproximam em um trecho inicial, mas logo após se distanciam e cada escalada segue adiante com seu traçado e estilo completamente diferentes. Portanto, nossa opinião definitiva é que a nova escalada não é medíocre e com certeza pode ocupar seu lugar no Morro da Babilônia. Por diversas vezes fomos abordados na base por pessoas que tentaram nos dissuadir de fazer esta via, mas nosso grupo sempre seguiu adiante, pois não concordamos com o boicote pregado pela FEMERJ e parte da comunidade de escaladores. E continuaremos agindo desta forma.

O mesmo acontece no setor "Falésias (Ervé Muniz, …)", localizado no Morro da Urca, apontado como saturado e onde o documento sugere novamente que não se realizem novas conquistas.

Em 2007 as "Diretrizes de Mínimo Impacto para Urca" foram atualizadas e nesta nova versão as recomendações para o mesmo setor "Falésias (Ervé Muniz, …)" são colocadas de forma parecida, só que em vez de sugerir expressamente a não realização de novas conquistas, a orientação é seguir "as diretrizes gerais 5 e 6", que em resumo dizem aos escaladores que procurem direcionar suas energias para locais menos saturados. Até aí tudo bem. Contudo, houve sim uma grande diferença: entre 2002 e 2007 surgiu nesta mesma parede uma nova via chamada "Noites Cariocas" que foi aceita pela FEMERJ e pela comunidade sem adjetivos desabonadores, apesar de todas as diretrizes já colocadas. Afinal, o local estava saturado ou não? A via também deveria sofrer um boicote? O episódio nos mostra mais uma vez a subjetividade dos critérios e a suspeita de que julgamentos tem sido incorretos, parciais, dependendo dos envolvidos.

Este cenário pode parecer muito evoluído para alguns, mas no fundo tem apontado os mesmos dilemas de sempre. Temos tentado manter uma posição afinada com todos os nossos propósitos e buscado uma postura correta. Vejam vocês, em 1995 conquistamos uma via na Pedra da Cruz, o Paredão de Descida Pablo Neruda, com 5 rapéis e um lindo negativo. Tempos depois, em 2001, foi conquistada uma via de escalada cruzando o traçado da Descida Pablo Neruda e aproveitando os pontos de parada colocados pela Unicerj no ano da conquista (trata-se da escalada "Via Crucis"). Seria então o caso de reclamar que em uma parede tão extensa uma conquista nova foi feita cruzando exatamente a via de descida que conquistamos? Claro que não! Não vemos problema algum e na época não nos manifestamos pois acreditamos piamente que existe espaço para todos. Infelizmente existem muitas pessoas que não pensam desta forma.

Colocadas todas esta situações, nós da Unicerj ratificamos a posição que adotamos desde nossa fundação em 17 de abril de 1998. Uma posição nada original, derivada dos antigos Clubes de Montanhismo que existiam em profusão em nosso país, onde cada sócio contribuía para a manutenção destas instituições. Optamos por seguir em frente com este mesmo modelo, priorizando as relações humanas e a inclusão na natureza em detrimento das facetas técnica e esportiva.

É fato que nossa sociedade vem mudando e revelando novos desafios para este tipo de gestão voluntária. Felizmente, em meio ao individualismo, estresse e correria do dia a dia, também temos encontrado pessoas almejando uma atuação mais participativa da sociedade. Sem dúvida este é o nosso caminho.

Borges

1 - No Boletim 3, de agosto de 1999, publicamos uma matéria do Santa Cruz sobre o feito de Maestri e a toda controvérsia gerada com a abertura da Via do Compressor;

O Editorial do Boletim 17, de julho de 2013, também aborda essa questão;

2 - A primeira Carta Aberta aos Montanhistas do Rio de Janeiro e à Sociedade foi publicada em 13/11/1997.

Inútil Paisagem

MANTENHA SEU PASSAPORTE EM DIA!

Pedro Menezes

Texto publicado inicialmente em 07/07/2014 e transcrito com a autorização do autor.

Estamos na reta final da Copa do Mundo, aquela mesma para a qual foi prometido um legado. Na área da conservação ambiental, esse legado foi projetado para ser entregue em forma de uma melhor e mais abrangente estrutura de visitação. Não em todas as 313 unidades de conservação mantidas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), responsável pelas áreas protegidas no âmbito federal, mas só no seleto grupo denominado de "Parques da Copa".

Os projetos não chegavam a ser exatamente ambiciosos. Eram realistas e visavam, sobretudo, a melhorias nas vias de acesso, nos centros de visitantes, nas trilhas e na sinalização. Nunca houve dinheiro do orçamento da União especificamente destinado à rubrica "Parques da Copa", mas entidades como o Ministério do Turismo, o Sebrae e uma prefeitura de município lindeiro (vizinho) ao Parque Nacional de Aparados da Serra chegaram a se oferecer para aportar recursos com o intuito de fazer o projeto, ou algo similar a ele, avançar.

Também houve um esforço, no próprio ICMBio, para aparelhar os parques com sistemas de trilhas sinalizadas e manejadas. Tal projeto, cujo custo é baixíssimo, poderia ser feito com recursos e pessoal próprios e deixaria algumas unidades com opções de recreação na natureza similares às de parques mundo afora. Entre outras iniciativas a custo baixo, estava projetada a abertura para passeios de bicicleta das estradas internas do Parque Nacional de Brasília, que, apesar de ter sido criado há mais de 50 anos, inexplicavelmente continua com cerca de 80% de sua área fechados à visitação.

Agora na Copa e, descartadas as exceções que confirmam a regra, nada foi feito. "Governo incompetente!!!", clamarão logo os críticos de plantão. Não se trata de incompetência deste governo. O problema não é de hoje nem começou na atual gestão. Suas causas são muitíssimo mais graves e vêm se mantendo há muito mais tempo. Trata-se de uma questão de competência de alguns técnicos da área da conservação, que têm se perpetuado há décadas em cargos de comando no ICMBio e nas instituições que o precederam na tarefa de (supostamente) cuidar de nossas unidades de conservação.

Esse grupo, conhecido como preservacionista, não acredita em visitação aos Parques Nacionais como ela é feita no resto do mundo. Tem a convicção de que os visitantes são um mal, que destroem a natureza, e que devem ser desestimulados a passear nas áreas que, por lei, foram designadas com esse fim (segundo a legislação brasileira, Parque Nacional, "tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico".

Assim, ao longo das últimas décadas, valeram-se de um instrumento normativo, chamado Plano de Manejo e, por meio dele, têm subvertido os objetivos explicitados na lei. Ao utilizar uma ferramenta legal conhecida por zoneamento, têm subtraído o direito à visitação de parcelas expressivas de nossos parques nacionais, criando o que se convencionou chamar de "parques-fortaleza". Como resultado, hoje temos nos 70 Parques Nacionais brasileiros uma malha de trilhas sinalizadas e manejadas que não chega a 300 quilômetros. Enquanto isso, nosso antecessor na organização de Copas, a África do Sul, tem num único parque de apenas 20 mil hectares (Parque Nacional da Montanha da Mesa) mais de 600 quilômetros de trilhas sinalizadas, com seis abrigos de montanha em funcionamento (mais que o Brasil inteiro).

O resultado disso é que a visitação dos Parques Nacionais do Brasil é pífia para a quantidade de hectares que administramos. Enquanto o dogma dos "parques-fortaleza" continuar, não haverá recursos nem projeto capazes de transformar os parques brasileiros em destinos reais de ecoturismo. Como se diz no movimento montanhista brasileiro: "Quer fazer trilha acampando durante vários dias e noites? Mantenha seu passaporte em dia!"

Texto publicado anteriormente em http://oglobo.globo.com/opiniao/inutil-paisagem-13143298

Pedro da Cunha e Menezes é diplomata e ambientalista. É o idealizador do projeto da Trilha Transcarioca, trajeto de 180 quilômetros de extensão ligando Guaratiba ao Pão de Açúcar, passando por diversas Unidades de Conservação. Foi Chefe do Parque Nacional da Tijuca, entre 1999 e 2000 e Diretor do ICMBIO entre 2012 e 2013.

Festa do 16º Aniversário da Unicerj

ENCERRAMENTO DA FESTA DO 16º ANIVERSÁRIO DA UNICERJ

Realizamos nos dias 26 e 27 de abril de 2014, em Araruama, na casa de praia dos pais da sócia Fernanda Insfran, a Festa pelo 16º aniversário de fundação da Unicerj. Foram dois dias de muita convivência, alegria e descontração, pois tivemos também a formatura da Escola de Guias, ETGE/2013, bem como do primeiro Curso Básico de Montanhismo de 2014. Contamos ainda com a presença de 53 sócios e convidados que participaram ativamente de todos os preparativos, bem como dos discursos estusiasmados que foram proferidos nessa data tão importante para nós unicerjences. Muito mais do que formar montanhistas e Guias, a Unicerj tem como objetivo formar pessoas e estes cursos constituem direitos dos sócios. E, mais uma vez, nesta bela confraternização que fizemos, tivemos discursos emocionados como o da Celeste, reproduzido na íntegra neste Boletim. Ela relembra os dez anos transcorridos desde a formatura da ETGE/2003. Tivemos também muita música e animação, bem como a exibição do filme feito pelo Marcelo a partir das muitas fotos de excursões realizadas nas três fases da Escola de Guias, sem esquecer o Hino Nacional, como sempre imprescindível nas formaturas. Em meio a tantos discursos emocionados que tivemos nesses dois dias seguidos em que os novos Guias da Unicej se formaram, reproduzo a seguir um resumo do que estes novos Guias disseram em seus memoriais de formatura, lembrando que cada um deles representa a nossa esperança pela continuidade do que a Unicerj significa para cada um de nós.

O primeiro formando a fazer o seu memorial foi o Nery, que começou dizendo o quanto a Escola de Guias representou em sua vida e lhe trouxe ensinamentos que vão muito além do montanhismo. Relembrou várias excursões marcantes e desafiadoras, começando pela primeira nas Torres de Bonsucesso, em outubro de 2012, quando da conquista da Fissura Melissa.

"Pela primeira excursão, pude ver que o curso extrapolava muito do que eu imaginava, pois por mais desafiadoras que fossem as propostas, fui vendo que eram perfeitamente factíveis pois tínhamos sempre a presença dos Guias do Clube a dividir conosco tudo o que, ao menos para mim, parecia inicialmente impraticável.

Veio então a excursão ao Cabeça de Peixe. Eu já tinha ouvido falar muito desta montanha e penso que me preparei psicologicamente para ela. Mas ainda no Largo do Machado, enquanto eu aguardava o grupo para o Cabeça de Peixe, o Leo falou para eu entrar no carro dele. A conversa foi mais ou menos assim: 'Não vai ter mais Cabeça de Peixe, Nery. Entra no carro! Você vai ao Dedo de Deus com a gente'. Leo apresentava um sorriso no rosto e ao entrar no carro, tentei argumentar dizendo que eu precisava me preparar física e psicologicamente para ir ao Dedo de Deus, que não vislumbrava fazer tão cedo. Leo apenas respondeu: 'Você tem uma hora e meia para se preparar. Fique tranquilo, vai dar tudo certo'. Aí constatei algo que tinha visto ainda na palestra sobre a ETGE em 2012: Os Guias sabem o que a gente pode fazer mais do que nós mesmos. Isto se chama experiência, que só vem com muita dedicação e com muito tempo de prática. É claro que naquele dia eu fiz o meu primeiro Dedo de Deus e como Leo havia dito, deu tudo certo.

À medida que avançávamos no curso, íamos ganhando confiança em nós mesmos e fortalecendo os vínculos de amizade. Ao longo do curso fui percebendo que as nossas descobertas e aprendizados não acontecem tão por acaso como a gente pensa. É bem verdade que vez por outra nós levávamos algumas broncas de nossos Guias, do tipo 'O que vocês estão pensando? Isto aqui é uma excursão de Escola de Guias!' e nós tratávamos de fazer corretamente o que precisava ser feito na caminhada, escalada ou descida.

Ao fim do curso, descobri que abrir uma excursão é muito mais do que colocar uma prancheta na parede, pois há todo um trabalho de planejamento e organização bem antes da excursão começar e nada é por acaso. A Escola de Guias é contundente e exige muito de todos nós, mas posso assegurar que valeu a pena todo o esforço e dedicação.

Muito obrigado a todos que estiveram conosco nesse ano e meio de tantas excursões. Creio que todos nós formandos da ETGE/2013 temos muito a agradecer por temos chegado até aqui.

Ser Guia da Unicerj é mais um passo para a construção de um futuro melhor, não somente para o montanhismo brasileiro, como também para a sociedade."

TORRES DE BONSUCESSO - PETP

Como bom pernambucano, Nery recebeu o seu diploma de Guia com a bandeira de seu estado natal nas mãos, muito emocionado, ao lado da Fernanda, que se formou no CBM/2014-1 e dos sogros Liana e Edgar, que novamente receberam com todo carinho a Unicerj para mais uma bela confraternização em sua casa.

Logo após o intervalo tivemos a apresentação do Igor, que começou compartilhando com os presentes qual foi para ele o momento mais importante de toda a ETGE: "Foi quando resolvi escrever o meu nome na prancheta como candidato a cursar a Escola de Guias. Eu já tinha ouvido o Osvaldo dizer: 'Você já pensou em fazer a ETGE e se tornar Guia do Clube?'. Quando foi chegando perto da data ele nos instigou a participar da palestra que estava programada para esclarecer as dúvidas sobre a Escola de Guias, aberta a todos os sócios. Leo também me incentivou. De uma forma muito direta e sincera: 'Se você acha que tem condições de ser aluno da Escola de Guias, põe seu nome lá. Se nós acharmos que você tem essas condições mínimas, você será convidado a fazer o curso. Caso contrário terá que esperar a próxima ETGE'. Dessa vez, ao contrário do que sempre aconteceu nas vezes anteriores, quando tinham muitos candidatos inscritos, o número de interessados foi exatamente igual ao número de vagas. Fui aceito e logo nas primeiras excursões comecei a ver as montanhas e principalmente as pessoas de um modo diferente, como se aos poucos eu fosse descobrindo uma nova perspectiva em minha vida. Uma das principais mudanças quando se ingressa na Escola de Guias é que se antes as excursões começavam cedo, a partir do início da ETGE passamos a ter que madrugar quase sempre, isso quando não saíamos do Rio de Janeiro na noite anterior.

CUME DO DEDO DE NOSSA SENHORA - PNSO

As excursões iam se sucedendo e o aprendizado também. Na escalada do Segundo Dedinho, no PNSO, com Descida Flávia Prado, tive muita dificuldade para subir os cabos de aço com a rocha muito molhada. Mal sabia eu que era apenas parte da aquisição da fibra necessária para ser Guia. Quando veio a excursão da Travessia dos Olhos, descobri que eu não era o único aluno do curso que estava tendo muita dificuldade e, por que não dizer, medo. Felizmente nossos Guias nos explicaram que isso é muito comum quando vamos lá pela primeira vez. Na Travessia da Neblina, invertida, por causa do mau tempo, as condições climáticas eram pavorosas e a excursão só saiu porque era pela Escola de Guias. Na ocasião chovia bastante e fazia muito frio. Lembro-me que Leo chamou o Bonolo e pela cara eu vi que não era coisa boa. Nós precisávamos sair de lá o quanto antes, pois ventava muito e o frio estava acima do suportável. Eu estava odiando aquilo tudo. Num dado momento, como por milagre, parou de ventar. Aí eu comentei: 'Conforto é isso!'. Todo mundo riu. E vale dizer que não parava de chover. Sinceramente, a gente estava se sentindo como se fosse desembarcar na Normandia, no Dia D.

No Paredão Joana, Buarque me disse: 'Vá subindo na frente e ache os grampos'. Fui subindo, subindo, até não mais poder e já estava ficando preocupado pois não via grampo algum, até que encontrei um e pude costurar a segurança, e prosseguir. No Caparaó, Telcio levou um termômetro e durante o bivaque gélido ficou o tempo todo dentro da barraca verificando a temperatura: 'Está marcando três graus, dois graus, um grau e meio, um grau e está baixando'. Estava um frio desgraçado que não me deixava dormir. Enquanto isso, Telcio continuava todo animado esperando que a temperatura ficasse abaixo de zero, o que veio a acontecer horas depois. Na terceira fase do curso, quando começou o estágio e tivemos que guiar as excursões, as dificuldades aumentaram bastante. Mas em compensação cada um de nós teve oportunidade de por em prática tudo que havíamos aprendido.

O que posso dizer é que vale muito a pena ter feito a Escola de Guias. Nós não estamos na Unicerj por causa de certificados ou diplomas que possamos vir a obter, pois temos consciência de que o aprendizado continua após a formatura. Durante os 18 meses da ETGE, participei de 83 DNMs (dias na montanha) em atividades realizadas pela Unicerj. Espero continuar aprendendo muito e ajudar o nosso Clube no que estiver ao meu alcance".

Telcio foi o terceiro dos novos Guias a apresentar o seu relato: "Foi muito bom havermos iniciado a Escola de Guias com sucessivas excursões nas Torres de Bonsucesso. Logo em seguida fomos à Travessia dos Olhos. Há muito tempo eu já havia lido sobre o acidente que vitimou a jovem Marizel, em 1975. Ao passarmos pela placa que existe em sua homenagem, bem no meio da escalada, fiquei em silêncio por alguns momentos, antes de prosseguir. Na primeira tentativa de fazer a Chaminé Stop, não consegui superar o lance do buraco da galinha. Leo percebeu meu abatimento e passou muita confiança: 'Não se preocupe, da próxima vez você irá conseguir'. De fato foi o que aconteceu alguns meses depois e eu só tenho a agradecer a todos que acreditaram em mim. Veio então a Travessia Petrópolis-Teresópolis que nós realizamos com muita chuva e frio intenso. Na ocasião, era uma excursão em conjunto com o CBM e os que começavam no montanhismo tiveram muita dificuldade, mas a excursão terminou com todos muito felizes por havermos conseguido completar. Lembro-me que Bonolo comentou: 'Na subida da Pedra do Sino, no lance do cavalinho, eu me sentia como um salmão subindo um rio, vencendo a cachoeira'.

TRAVESSIA DA BOCAINA - PNSB

Veio então a conquista da Descida Catalunya e eu na minha ignorância estava tranquilo, quando Buarque e Gabi me mostraram que era importante sairmos de lá o quanto antes, por causa da tempestade elétrica que se aproximava. Ou seja, não era para ficar tão tranquilo.

Na Travessia da Neblina, como Igor já contou, fez mais frio ainda. Eu nunca tinha sentido tanto frio na minha vida. Vale dizer que semana após semana, durante todo

o curso, os Guias de nossas excursões também passam pelo mesmo sufoco que a gente, se submetendo às mesmas inclemências atmosféricas.

Quando fomos fazer o Paredão Mário Arnaud, a grande escalada do Morro dos Cabritos, no Vale dos Frades, encontramos por lá um grupo que subia de forma apressada e irresponsável, por não respeitar minimamente os padrões de segurança.

Nesse grupo, tinha gente escalando com fone de ouvido e com isso não podiam sequer ouvir os sons da natureza e muito menos a voz dos companheiros de cordada. Felizmente, num dado momento, eles, sabe-se lá os motivos, desistiram e tão rapidamente como subiam, retornaram à base e foram embora. Nesse dia, com toda a calma e eficiência chegamos ao cume, onde apreciamos 360 graus de beleza a nossa volta e retornamos à base em segurança. Foi mais um dia pleno de aprendizados sob todos os sentidos. Algumas semanas depois, quando fomos ao Parque Nacional do Itatiaia foi muito bom poder escalar as Agulhas Negras, mais um sonho realizado. Veio então a escalada do desafiador Paredão Che Guevara quando formamos um grupo de cinco montanhistas: quarto Guias e eu, como o único aluno da ETGE, em mais uma memorável atividade.

Voltei a ter a companhia de meus companheiros de curso na Agulha do Diabo, uma das montanhas mais fascinantes de nosso país, em que deu tudo certo. Na Via Sylvio Mendes, do Pico Maior de Friburgo, no segundo dia seguido na montanha, eu subia por último e num dado momento tive um sentimento de solidão e cheguei a pensar: 'O que é que eu estou fazendo aqui?' Logo em seguida eu vi que tinha tudo a ver, pois trata-se de uma escalada lendária, longa, técnica e bastante cansativa. Após chegarmos ao cume, voltamos à base muito felizes num silencio respeitoso pelo que vivemos naquela majestosa montanha.

No Estágio Supervisionado foi quando pude aprender mais: Depois de ter ido a Salinas, teve a Travessia do Parque Nacional da Serra da Bocaina em três dias, seguida da exigente Fissura Mariana e tantas outras caminhadas e escaladas. Uma das mais marcantes foi o Dedo de Deus, que compartilhei com o Marcelo, que guiava a outra cordada. Lembro-me que fiz ao Borges a seguinte pergunta:

'Qual será o Plano B?'. E Borges na maior tranquilidade respondeu: 'O Plano B é subir'. E foi mais uma excursão realizada com êxito. Na Chaminé Stop, fiz pela Variante Carpe Diem e cumpri o requisito de guiar esta escalada. Desse modo cumpri todas as exigências e estou muito feliz por me formar Guia da Unicerj. Agradeço a todos os Guias que puderam participar, em especial Osiris e Willy, quando ingressei no Clube. E também Buarque, Bonolo e Elis, sempre procurando nos ajudar, e principalmente o Leo, por tudo que fez por nós do início ao fim da ETGE/2013. Na verdade o agradecimento maior vai para a Bia, por dividir o Leo com a gente e por tantos fins de semana que ele ficou conosco nas mais diversas montanhas para que hoje possamos estar aqui nos formando Guias da Unicerj. Sei que estou apenas começando e espero ainda poder contribuir muito com a nossa Unicerj."

Terminado o relato do Telcio, que bateu todos os recordes, tivemos que apressar um pouco, pois ainda faltavam Kaká e Marcelo, e já estávamos no meio da tarde de domingo e precisávamos voltar para o Rio de Janeiro após a Festa.

Memorial do Kaká: "Comecei a pensar seriamente em fazer a Escola de Guias quando recebi o convite do Bonolo. Eu estava indeciso quanto a me inscrever no curso pois na época não possuia nem o equipamento básico de montanhismo. Bonolo respondeu: 'Material de escalada não é problema'. E vi que não era mesmo. Hoje em dia isso é muito difícil de se encontrar. Só mesmo na Unicerj. Dos seis inscritos fui o quarto a por o meu nome na prancheta. Não pude participar da abertura do curso nas Torres de Bonsucesso, mas logo na semana seguinte Santa Cruz me convidou a voltar lá com Leo, Simone, Cela e Aluisio para terminar a conquista da Fissura Melissa, em uma excursão extra da ETGE. Depois fizemos a Pedra da Gávea com Passagem dos Olhos, onde eu fui um dos que também tiveram muito medo. Mas a excursão, depois que acabou, ficou na memória como uma verdadeira aula onde pude aprender muito. Feita a Chaminé Stop, fui habilitado para ir escalar o Dedo de Deus, que sempre foi o sonho do meu pai. Ao chegar ao cume dessa montanha, de certa forma ele também chegou. Depois veio a Agulha do Diabo, parece coisa de doido, uma grande caminhada até a base e ainda tem a escalada com a chaminé da unha e o cabo de aço, onde tive muita dificuldade. Mas chegar naquele cume é realmente alguma coisa inesquecível. Sobre a Sylvio Mendes, Telcio já disse tudo. É uma escalada que parece nunca terminar, de tão grande. No Dedo de Nossa Senhora eu estava muito lento e dispersivo. Levei uma bronca merecida e deu tudo certo no final. No dia do Paredão Osvaldo Pereira eu tinha ingresso para o Rock in Rio. Vendi o ingresso para o Telcio e optei por fazer essa grande escalada, porém ainda deu tempo de ir ao Rock in Rio encontrar Telcio e Fernando. Veio então a terceira fase do curso, que muitos dizem ser a mais importante. Mas a verdade é que todas as fases são importantes. Na excursão do Jacó, onde pusemos um Livro de Cume e fiz como inédita, eu tinha que bater um grampo e creio que demorei um pouco, mas fui apadrinhado pelo Osiris que me deu todas as dicas e ajudas e descobrimos um formigueiro gigantesco, enquanto eu bati o grampo, Osiris afastava as formigas.

No Campo escola Grajaú pude ensinar muito do que aprendi para os que estavam começando naquela excursão. Quando fui guiar a minha excursão no Morro da Babilônia fiz uma escalada muito boa em que deu tudo certo, nem foi preciso bater grampo algum e a chuva do dia anterior não atrapalhou. Na Via dos Italianos, que guiei para cumprir o requisito de escalada muito difícil, eu fui só com o Leo de participante. Dessa vez eu não precisei dar orientação para ninguém e nem ficar preocupado, pois Leo não precisa disso, ainda mais na Italianos.

Como palestra escolhi como tema 'Os Valores do MASENC', que fiz junto com a comemoração do meu aniversário e acabou sendo incrível, por terem participado amigos e familiares que conheceram um pouco da nossa filosofia. No fim do Estágio ainda tive tempo de fazer uma excursão extra à Ilha Grande, de bonificação, onde nos divertimos muito. Quero agradecer a todo mundo, em especial ao Bonolo que insistiu para que eu fizesse o curso, ao Leo que foi praticamente em todas as excursões e ao Santa e Buarque por me receberem tão bem no Clube".

FISSURA MARIANA - AGULHINHA BEIJA-FLOR - PNSO

Marcelo foi o último formando a apresentar o seu memorial: "Comecei a praticar montanhismo há pouco tempo, entrei para o Clube em setembro de 2011, apresentado pelo Marcos Dias. Meu objetivo inicial era fazer a Travessia Petrópolis-Teresópolis que há muitos anos sonhava realizar. Quando entrei para sócio da Unicerj tinham duas Travessias programadas e me inscrevi nas duas, mas só completei na segunda tentativa. Fiz o CBM duas vezes mas só consegui me formar no segundo. Em seguida iniciei o CIM em meados de 2012, quando estava para começar a ETGE/2013. Fui o segundo a me inscrever, logo após o Telcio, e fui aceito para Guia Caminhante. No final da primeira fase, após seis meses de atividades em que procurei me dedicar ao máximo, fui convidado a passar para Guia Caminhante e Escalador. Como meus companheiros já relataram nesses dois dias, tivemos as mais variadas, intensas e emocionantes excursões, em todos os níveis de dificuldade, nas mais variadas condições climáticas que exigiram muito de todos nós, permitindo assim um grande aprendizado.

CUME DO DEDO DE DEUS - PNSO

Durante este ano e meio desde o inicio do curso, descobri que a montanha é sempre diferente e muda com o olhar de cada um. Agradeço muito a todos os Guias que estiveram conosco em todas estas excursões. Eu faria tudo novamente e tenho até saudade das inúmeras dificuldades que compartilhamos na montanha. Em vários momentos sentimos frio, sede, fome e medo, mas valeu muito a pena, pois cada momento desses foi muito importante em nossa formação. Espero que tudo isso que passei na ETGE tenha me ajudado a me tornar um pai melhor, um marido melhor e quem sabe um ser humano melhor. Estou com a Unicerj e sei que a Unicerj está comigo".

Terminado os memoriais, tivemos as formaturas propriamente ditas. Primeiro do CBM e logo em seguida da Escola de Guias, quando Bonolo manteve a tradição de dar a cada novo Guia um mosquetão e um prusik longo, que tem um grande significado simbólico, que todo Guia da Unicerj conhece. Mesmo com o adiantar da hora, ainda tivemos discursos muito emocionados e no encerramento da Festa, a trilha sonora, mais uma vez, foi a música **A Estrada e o Violeiro***, que tem tudo a ver com o nosso Clube. Que venham outras comemorações tão marcantes quanto esta, que certamente ficará guardada na memória de todos que tiveram a ventura de estar presentes nesses dois dias de abril de 2014, em Araruama.

Santa Cruz

***"A Estrada e o Violeiro"** é de autoria de Sidney Miller e possui uma gravação definitiva em que Nara Leão faz a 'estrada' enquanto o próprio Sidney Miller canta a parte do violeiro, num dueto perfeito para esta música. No Boletim nº 8, de dezembro de 2003, publicamos na integra a letra dessa bela canção, verdadeiramente inspirada.

ABRIL DE 2014 | DEZ ANOS DA FORMATURA DA MINHA ETGE

Faz 10 anos esse mês – parece que foi ontem! Parece que foi uma vida inteira... Umas pessoas partiram (partiram de verdade – um amigo português me ensinou que partidas não são viagens de avião), algumas saíram do nosso cenário. Outras chegaram, com suas bagagens de vida, outras, ainda, estrearam mesmo na vida. Noves fora, a família cresceu.

Família unicerjense, como o Santa gosta de dizer – família humana. Somos todos, verdadeiramente, irmãos, gostem vocês ou não gostem. Estamos todos no mesmo retrato.

Família que se entende como todas as famílias: às vezes muito bem, às vezes nem tanto. São laços de sangue: alguns de nós somos do tipo sanguíneo M, outros do tipo A, outros do S, outros E, uns N, uns poucos C – há também os NC.

Hoje estamos aqui para uma celebração, e só temos mesmo o que celebrar porque há aqueles que, na carteirinha de sócio da Unicerj, exibem o tipo sanguíneo MASENC.

Santa (que eu prefiro sempre chamar de Osvaldo), Leo, Borges, Buarque, Lipe, Lucia, Clair, Osiris, Bonolo, François... e paro por aqui, nos dez, deixando tantos de fora, mas que sabem, em seus corações, como são importantes para levar esse sonho de fraternidade adiante.

Também eu sou filha dessa família. Muitas vezes ausente, muitas vezes impertinente, muitas vezes boquirrota, mas solidária e amorosa de todas e todos. Uns cabelos brancos a mais, umas pernas menos consistentes, um quilinhos extras que se pespegaram a esse corpo mediano, um novo amor no coração, mas a mesma paixão, engrandecida, pelas montanhas, pelos caminhos, pelas gentes.

Faz 10 anos, disse eu, e quem esteve celebrando conosco uma década atrás talvez possa se recordar que a camiseta, naquele dia, era a mesma. Aqui, mora um coração brasileiro e internacionalista. O Brasil mudou nesses 10 anos, e acho que vai mudar mais, e rápido. Se milhões de pessoas subiram acima da linha da miséria, esse país de cultura pujante e gente criativa ainda tem muito a conquistar em matéria de igualdade na diferença, de dignidade, de acesso à educação, saúde e moradia adequadas, e, porque não, como no Butão, de felicidade. Somos mulheres e homens do nosso tempo, e a história, como sempre, nos requisita a participar, e que cada um de nós saiba cumprir o seu papel.

Por último, em lugar de destaque, os cinco Guias que se formam hoje. É o começo de um caminho, que, espero, seja longo e cheio de bons encontros e experiências. Daqui mais um pouco, Igor, Kaká, Marcelo, Nery e Telcio vão receber suas carteirinhas de Guia do Clube e a gente vai saber, na prática, qual é o sangue que corre nessas veias.

Celeste

Escaladas no Brasil

CUME DO DEDO DE NOSSA SENHORA - PNSO

Quando vim morar para o Rio em finais de 2012 havia muita coisa por definir na minha mente...

Tinha no entanto algumas certezas, uma das quais era que eu queria continuar a praticar com regularidade Montanhismo e Escalada. Para um amante da modalidade é impensável vir para uma cidade com os recursos naturais da Cidade Maravilhosa e não os aproveitar.

Por isso, assim que consegui emprego e me instalei devidamente, comecei a procurar um Clube de Montanhismo. A ideia era visitar todos rapidamente de forma a escolher o que mais me agradasse para logo começar as atividades. Mal eu sabia que por tradição todas as reuniões sociais se realizam na quinta feira à noite e por isso levei três semanas a visitar os três Clubes que tinha previamente selecionado.

Acabei por escolher a Unicerj, pois foi o Clube que me pareceu mais familiar. Para mim, a única forma de se tirar verdadeiramente partido da Montanha é fazê-lo bem acompanhado. E na altura fiquei com a impressão que era mesmo isso que ia encontrar na Unicerj: pessoas de bom coração, mais preocupadas com o bem estar dos companheiros do que com a fome de Cume e dispostas a partilhar as suas experiências com genuíno prazer e sem qualquer egoísmo ou sentimento de superioridade.

Pouco mais de um ano depois, olhando para trás, devo confessar que estava parcialmente enganado. Na realidade encontrei tudo o que descrevi anteriormente e muito mais. Isto foi uma grande satisfação para mim, uma vez que foi assim que sempre estive na Montanha. Com amigos, colocando sempre a segurança de todos em primeiro lugar, nunca deixando ninguém para trás por muito que uma pessoa não conseguisse acompanhar o resto do grupo, tentando dentro das nossas limitações atingir novas metas e, acima de tudo, realizando as atividades com muita diversão e prazer.

A minha primeira escalada pelo Clube foi na Babilônia, o Paredão Unesco guiado pelo Buarque e a Gabi e acompanhado pelo grande Telcio. O meu primeiro choque foi a visão do velho e tradicional grampo, abandonado das escolas de escalada de Portugal ainda antes de eu começar a escalar há mais de 10 anos atrás. Explicaram-me que era elemento comum em todas as paredes do Brasil e que não era conhecido nenhum acidente devido ao grampo em vias com a devida manutenção.

Fiquei um pouco mais tranquilo (mas não totalmente!) e só me consegui acostumar à ideia ao fim de umas 5 ou 6 escaladas / descidas.

À medida que fui realizando mais escaladas e me apercebendo melhor da forma como as vias estão equipadas, comecei a reparar que a distância entre grampos é geralmente elevada e por vezes absurda.

Na Europa escalei muito em Portugal, um pouco na Galiza e fui uma vez à rocha em Inglaterra. Vias desportivas têm as plaquetes afastadas em média de 4m em 4m. Vai depender da dificuldade do lance e do grau da própria escalada mas dificilmente se encontram plaquetes afastadas de mais de 6m. Recentemente escalei aqui com um amigo da Suíça que ficou igualmente escandalizado com a segurança precária das vias que realizamos.

Por cá é fácil encontrar em vias fáceis grampos afastados de mais de 10m. E eu não consigo entender a lógica. Uma via fácil como os Coloridos na Urca são locais de eleição para iniciar novas pessoas na arte de escalar. Mas como vai uma pessoa encarar guiar uma escalada se as vias se encontram tão pobremente protegidas?

E mesmo as pessoas com muita experiência, têm alguma necessidade de arriscar uma queda de mais de 20m simplesmente porque o seu nível de escalada é (muito) superior ao da via? O que acontece a uma dessas pessoas se, quando estão 12m acima do último ponto de segurança, têm uma indisposição e perdem os sentidos ou, algo certamente mais frequente, são atingidos por uma pedra? Vão cair uns 25m sofrendo muito provavelmente danos físicos que podem ser de gravidade considerável. E por quê? Simplesmente por preguiça de se bater mais um grampo intermediário ou por achar que ao fazê-lo se está a diminuir o seu estatuto como escalador.

Acredito que globalmente o problema se relaciona com a segunda opção o que, na minha perspectiva, denota uma grande falta de auto-confiança / auto-estima das pessoas em questão. Só alguém que não acredita em si próprio pode considerar colocar-se em situação de perigo (bem como toda a comunidade que poderá vir a usar essa mesma via) para poder provar (a si mesmo) ser capaz de grandes feitos.

Existe ainda a discussão de uma via segura atrair pessoas que não têm capacidade técnica de a realizar. Eu sou da opinião que Montanha é (ou deveria ser) sinônimo de liberdade. E liberdade significa estar aberta a todos aqueles que estejam dispostos a encará-la. Os grampos são formas de segurança em caso de queda, não formas de artificialmente chegar onde não se conseguia chegar de outra forma. Para os puritanos que defendem esta teoria, aconselho vivamente a serem coerentes com as suas convicções e deixar de usar grampos por completo, solando as vias sem corda. Porque se não o fizerem dessa forma, estarão indo contra aquilo que acreditam, colocando meios artificiais para poder chegar onde não conseguiriam sem os mesmos...

Rui Correia

23 UNICERJENSES NO PNSO

UMA CARTA PARA SIMONE

Rio, 11 de junho de 2014

Fiquei muito feliz em poder voltar ao Dedo de Nossa Senhora, depois de mais de seis anos e meio, apenas contemplando esta montanha só de longe e sonhando, com este dia que finalmente chegou.

Desde o início do ano, quando você me convidou, não parei de pensar um só dia nessa excursão e de procurar estar a altura dos seus desafios.

Em torno dessa excursão ao Dedo de Nossa Senhora (que já estava na Página do Clube há um bom tempo), foram marcadas quatro outras excursões graças a um planejamento minucioso e ao entusiasmo de um punhado de valorosos Guias da nossa Unicerj.

Desse modo, foi possível "invadir" o PNSO e todos os objetivos foram plenamente alcançados: cinco cumes foram atingidos por um total de 23 montanhistas.

E posso assegurar a você que nada disso foi por acaso.

Se nós colhemos os frutos, foi porque semeamos todo o tempo, tomando as decisões e ações mais consequentes, que começaram muito antes do amanhecer do dia 07/06/2014, quando fomos em busca do nosso destino.

Vale dizer que no dia da excursão, às quatro horas da madrugada partimos do ponto de encontro do Largo do Machado, sem que tivéssemos que esperar um único minuto, pois todos chegaram antes, como deve ser.

A última vez que lá estive no D.N. Senhora foi exatamente dia 03/11/2007, em uma excursão da ETGE, pelo Estágio Supervisionado do Kaercher e da Marina.

Saiba que para mim foi uma honra muito grande poder retornar a este cume, tendo como Guias você e o Borges. E também na companhia do Rui e da Valcieny, na primeira vez que chegaram ao cume dessa montanha tão singular.

Borges como sempre super bem humorado dando o tom da excursão com suas tiradas divertidas. É um prazer muito grande escalar em sua companhia.

E lá na frente o tempo todo puxando o nosso grupo você, tão segura e concentrada, dando o ritmo de nossa ascensão, que foi realizada no tradicional estilo MASENC, sem a menor pressa, mas com muita eficiência e principalmente segurança.

Passados quatro dias, ainda posso lembrar, como se estivesse lá, que em um dado momento, durante a escalada, olhei em volta e estava no meio das montanhas da Serra dos Órgãos, onde estive tantas vezes em minha vida de montanhista, com o Pico Maior de Friburgo lá do outro lado, dominando a paisagem, com sua imponência. Foi neste preciso momento que você, uns 50 metros acima de onde eu estava, sem saber que eu já estava olhando para Salinas gritou: "Olha lá Santa, o Pico Maior!". Incrível!

Quase não podia acreditar que eu estava de volta ao Dedo de Nossa Senhora.

Lembrei-me das dezenas de excursões lá realizadas para a troca dos cabos de aço e restaurar o artificial fixo, que deu tanto trabalho, bem como as conquistas da Descida Daniel Alvarenga e da Variante Willy Chen, em 1990, sem esquecer da vez que Lucia e eu levamos Jan Rausch, que escalou o Dedo de Nossa Senhora conosco antes de completar 15 anos. E tantas memoráveis excursões realizadas, bivaques, temporais e tanta vida plenamente vivida na companhia de amigos sinceros e verdadeiros.

Parecia um milagre. Eu estava lá! Com muita dificuldade, é verdade, mas estava de volta. Graças a vocês! Fiquei realmente emocionado.

Foi também uma grande alegria ver nossos companheiros da Unicerj nos outros cumes:

Escalavrado, Dedinhos e Dedo de Deus.

Abraços.

Santa Cruz

NO DEDO DE DEUS

ACESSO À BASE DA VIA TEIXEIRA - DEDO DE DEUS - PNSO

Poder escalar qualquer de suas vias ou caminhar por qualquer das trilhas do PNSO é um verdadeiro privilégio, sua beleza faz desse local um oásis natural em meio ao turbilhão humano e com todo seu significado. Escalar o Dedo de Deus é para mim, poder viver emoções indescritíveis.

Com seus 1.692m de altitude, cujo contorno lembra um dedo indicador apontando para céu, o Dedo de Deus além de um monumento geológico natural é considerado por nós montanhistas, também um monumento à nossa prática, um monumento que culmina não só na imponência de sua forma, mas também no marco que ele é para o montanhismo brasileiro. A energia e a emoção ao chegar a esse topo, não nos deixa esquecer a nossa dimensão diante da montanha e das forças da natureza que a envolve.

No dia 7 de junho de 2014 mais de 20 montanhistas invadiram, no bom sentido da palavra, a Serra dos Órgãos. Às 4h da manhã, todos os participantes e Guias envolvidos, saindo do Largo do Machado, partiram para o Dedo de Nossa Senhora, Escalavrado, 1° e 2° Dedinhos e a mim, Rafael e Kaká ficou a incumbência de guiar a excursão ao Dedo de Deus pela via Teixeira. Poder subir ao cume pela via de conquista, encontrando por lá grampos ainda originais com mais de 100 anos, nos faz refletir sentindo e respeitando nossas limitações. Como disse antes, participar de qualquer excursão no PNSO é um privilégio que se torna ainda maior, quando ajudamos a levar um participante que pela primeira vez chegaria ao cume daquela montanha.

No verdadeiro espírito do MASENC, Kaká brilhou a frente de toda a escalada seguido pelo Rafael, Sérgio Lopes e eu, Marcelo, fechando. Como foi minha primeira vez na via não me senti hábil o suficiente para ir à frente e assim, em um belíssimo dia de escalada, seguiu a excursão. Não vou aqui me deter só aos fatos da escalada em si, mas também ao sentimento que envolveu toda a atividade, toda a "invasão".

O que significa vencer o desafio de escalar o Dedo? A subida é impar, exigente desde a trilha até o cume, participando ou guiando, nos faz remeter a bases das sensações humanas, frio, calor, medo, coragem e quem consegue o feito se sente tanto desafiado quanto satisfeito e mesmo com suas descidas vertiginosas, sempre saímos com vontade de retornar àquele ambiente inóspito e hostil.

No final, terminada a descida, já na estrada, subindo o asfalto, questionávamos se alguém ainda estaria no estacionamento do Paraíso das Plantas, afinal nossa excursão era a mais demorada, daí imaginamos que ninguém ainda estaria por lá. Mas não, todos estavam e alguns ainda chegando, então aquele momento foi cume de todas as excursões, muito importante foi chegar ao topo de nossos objetivos, mas a dimensão e nosso objetivo maior estavam ali, no estacionamento, onde todos nós celebramos nosso retorno e nosso reencontro.

Nesse dia, saímos de madrugada do Rio de Janeiro para pontos distintos da Serra dos Órgãos e por volta das 19h nos reencontramos e confraternizamos, em uma energia tão envolvente, tão contagiante, que ficou difícil alguém passar e não perceber.

E foi assim: o dia em que o MASENC, mais uma vez se fez presente. O dia em que o MASENC, mais uma vez "invadiu" o PNSO. Que venham outras "invasões" como essa.

Marcelo

Encontro com o Mestre Salomyth

SANTA CRUZ, SALOMYTH E LUCIA

Há muito tempo que não encontrava o meu mestre Salomyth Fernandes, um dos mais importantes montanhistas de nosso país. Salomyth fez história na segunda metade do século XX, quando esteve presente em importantes conquistas, guiou uma infinidade de caminhadas e escaladas e formou várias gerações de caminhantes, escaladores e Guias. Inclusive a minha geração, que cursou a Escola de Guias do Cerj, em 1973.

Cada excursão com o Salomyth era um aprendizado único e tremendamente valioso, como podem testemunhar meus companheiros de Escola de Guias: André Frias, Prata, Walter Chavarry, Arlindo e Zaib. Muitos desses ensinamentos levamos para toda a vida: comunhão com a natureza, sinceridade, verdade, respeito... bem como o sentimento da bondade, no trato com as pessoas, já tão raro naquela época e ainda mais raro nos dias de hoje.

Desde que subiu a Pedra da Gávea pela primeira vez em 1945, Salomyth dedicou boa parte de sua vida ao montanhismo amador, tendo atuado em praticamente todos os Clubes de Montanhismo de nossa cidade, com uma presença muito destacada pela sua forte personalidade, liderança natural e companheirismo a toda prova, que o transformaram num autêntico expoente das montanhas do Brasil.

Alem das imprescindíveis qualidades inatas de Guia, o que realmente sempre chamou atenção no Salomyth a todos que, como eu tiveram a ventura de com ele conviver, não apenas nas montanhas, tem sido sua generosidade e capacidade de compartilhar como um verdadeiro mestre, seus conhecimentos e sua sabedoria.

Uma das últimas vezes que estive com ele foi em 1999, quando Lucia e eu fomos visitá-lo para levar um exemplar do livro que Sayão e eu escrevemos sobre o Dedo de Deus.

Na ocasião já fazia quase uma década que havíamos nos afastado voluntariamente do Clube que nos formou, o que nos levou posteriormente, em 1998, a fundarmos a Unicerj, quando pusemos em prática muito do que aprendemos com Salomyth.

Faz muito tempo que nos conhecemos no Parque Nacional do Itatiaia. Naquela época, e isso foi há quase meio século, o Cerj tinha grandes montanhistas e Guias, que eram muito mais do que excelentes caminhantes e escaladores. Mesmo na antiga sede alugada, localizada num acanhado sobrado da Rua Visconde do Rio Branco, próximo ao Campo de Santana, no centro da cidade, éramos recebidos como se ingressássemos em uma família, para toda a vida. Novatos como eu que nem haviam completado 20 anos de idade, descobriam em pouco tempo os fascínios do montanhismo como se ingressássemos num mundo mágico a cada semana, apreendendo verdadeiras maravilhas da nossa terra, sempre a compartilhar tesouros de nossas montanhas e a amizade construída a cada excursão. Nas pranchetas as mais diversas caminhadas, escaladas e conquistas abertas a quem aceitasse o desafio das montanhas e o convite de renomados Guias como Vavá, Tetinho, Waldo, Reinaldo e tantos outros, que liderados por Giuseppe Pellegrini mantinham uma programação de alto nível e o Cerj na vanguarda do montanhismo em nosso país, como uma cidadela de cidadania. E na retaguarda de todo esse grupo de exímios Guias, com mais experiência que todos juntos somados e o respeito e a admiração pela sua dedicação a todos eles e a todos nós, lá estava ele, o grande Salomyth, nosso Dersu Uzala*.

Passado todo esse tempo, nunca nos esquecemos de sua voz, cantando as mais diversas canções nas trilhas, nas escaladas e nos abrigos, ou sua saudação reconhecida por todos com seu vozeirão inconfundível de barítono a ecoar pelas montanhas bem como sua alegria contagiante, energia aparentemente infinita e presença iluminada.

Mesmo afastados, apenas fisicamente, todos nós que fomos formados por ele, quase sempre nos lembramos dele, que foi homenageado com duas conquistas com seu nome: o Paredão Salomyth, no Morro da Babilônia, em 1970, uma das vias urbanas mais frequentadas do Rio de Janeiro e o Diedro Salomyth, no Dedo de Deus, magistral escalada que tive a ventura de participar de todas as 16 investidas, realizadas entre 1977 e 1982, que demandou um esforço titânico de um apreciável grupo de montanhistas com destacada presença da Lucia, do Zaib, do Sayão e do Mário Arnaud.

Hoje, Salomyth está prestes a completar 88 anos e boa parte dos que fazem muitas das escaladas que ele conquistou não têm nem ideia do seu idealismo e muito menos da precariedade técnica da época em que estas escaladas foram feitas, pois muitos dos sofisticados equipamentos que hoje estão disponíveis, não eram nem ao menos sonhados. E todas essas conquistas foram feitas com o mais autêntico desprendimento amador, legando a todos nós e às futuras gerações preciosas realizações montanhísticas, podendo citar dentre outras a Chaminé Ricardo Cassin, o Paredão Emílio Comici, a Chaminé 14 de Julho e o Paredão Lionel Terray, além do Caminho das Orquídeas.

Nos últimos tempos, vez por outra eu recebia alguma notícia do Salomyth. Sabia que ele havia se mudado do apartamento que viveu por muitos anos na zona sul do Rio de Janeiro para uma casa no subúrbio de nossa cidade, onde provavelmente teria melhor qualidade de vida, pois para quem esteve em contato íntimo com a natureza por praticamente toda a vida, viver enclausurado num apartamento, como diria Dersu Uzala, é quase como ficar confinado em uma gaiola.

Foi aí que recebi, no início de agosto, um chamado de uma sobrinha sua que trabalha no Hospital Universitário da UFRJ. Num primeiro momento cheguei a pensar que ele estivesse internado mas fiquei muito feliz ao saber que ele estava bem, para alguém que nasceu no dia 29 de janeiro de 1927. Ao falar com ele por telefone, imediatamente reconheci a sua voz, que continua com o mesmo timbre e vigor. Ficamos um bom tempo falando de nossas famílias, perguntando um ao outro pelos amigos comuns e recordando tantas excursões que fizemos juntos. Creio que nos emocionamos. Combinei que no dia seguinte no fim da tarde eu e Lucia iríamos visitá-lo. Após ele dar o seu endereço e antes que desligássemos o telefone, ele disse que tinha sonhado que eu levava para ele uma carne assada com batatas e que nós comíamos como se tivésssemos chegado de uma grande excursão em Itatiaia, Serra dos Órgãos ou Salinas. Pedi então que D. Teresinha, mãe

da Lucia, preparasse uma carne assada, pois ela sabe fazer a melhor carne assada que eu conheço. Desse modo, menos de 24 horas após nossa conversa telefônica rumamos para o endereço que ele nos deu, sem GPS, que não dispomos, mas perguntando aqui e ali, o que foi bem mais divertido. Ao chegarmos em sua casa ele já nos esperava. A primeira coisa que ele disse foi: "Santa Cruz, seu maluco, você levou a sério a história da carne assada?" Claro que sim, respondi. Nada como poder realizar um sonho, por menor que possa parecer. E tratamos de por a conversa em dia. Lucia e eu ficamos lá por mais de quatro horas e nos sentimos muito bem em sua casa. Creio que Salomyth também gostou. Ele está com a vista bastante debilitada e quase não pode mais andar. Mas sua memória é excelente e ele continua muito espirituoso. Rimos um bocado das várias histórias que se ligavam umas às outras. Também nos lembramos de alguns casos escabrosos mas fomos em frente. Conversamos sobre os mais diversos assuntos, até sobre montanhismo. Salomyth pode ser considerado um sujeito de sorte pois a sua esposa Vilma, bem como a sua irmã, que também se chama Lucia, cuidam dele com todo o carinho. Alem disso tem muito orgulho do filho Fernando e do neto Bruno. Ele, como montanhista, teve uma vida muito intensa, tendo vivido experiências completamente inéditas e inimagináveis nos dias de hoje, sendo que uma delas foi ter pernoitado no cume da Agulha do Diabo, uma de suas montanhas prediletas, que guiou mais de 30 vezes.

Ao nos despedirmos cantamos juntos o **Hino dos Montanhistas** (*Montanhistas do Brasil...*).

Esperamos poder voltar a visitá-lo muito em breve. Vida longa e muitas felicidades ao mestre Salomyth. **Santa Cruz**

* Dersu Uzala é o protagonista do livro homônimo, escrito pelo explorador siberiano Vladimir Arseniev, que serviu de base para o antológico filme de Akira Kurosawa. Dersu Uzala foi um homem perfeitamente integrado com a natureza, com profundo sentimento ecológico, que soube compartilhar sua sabedoria com os chamados civilizados. Uma celebração ao companheirismo, à amizade e à vida. Existe uma conquista da Unicerj, realizada em 30/09/2001, em homenagem a Dersu Uzala. Fica localizada no Morro da Boa Vista, na Prainha, no Rio de Janeiro.

Agora C.I.M.!!!

O **Curso Intermediário de Montanhismo** tem entre seus objetivos o desenvolvimento e o compartilhamento da experiência dos sócios como montanhistas e a ampliação e fortalecimento do relacionamento com os demais sócios e com a Unicerj, através de seus Guias.

Para o sócio que já possui os conhecimentos básicos, são propostas uma série de atividades que deverão ser realizadas em até dois anos nas principais regiões montanhísticas de nosso estado, bem como em outras partes do Brasil. A ideia é realizar excursões desafiadoras onde os alunos do CIM terão prioridade de inscrição. É uma oportunidade também de conhecer melhor a história da Unicerj e conhecer locais onde só são normalmente marcadas excursões para a Escola de Guias.

As inscrições podem ser feitas a qualquer momento e deverão ser aprovadas pela Diretoria Técnica. É uma oportunidade imperdível para os que desejam se aprimorar no montanhismo.

Os sócios que já são alunos devem procurar os Guias nas reuniões sociais e sugerir excursões que ajudem a completar suas atividades mínimas. Nossa programação de excursões é feita com grande antecedência. Informem-se sobre as que já estão planejadas e reservem seus fins de semana e feriados.

Como os demais cursos oferecidos pela Unicerj, o CIM é um direito dos sócios com mensalidade em dia, não sendo cobrada qualquer taxa adicional.

A partir de outubro de 2014, com o início de uma nova ETGE, pretendemos dinamizar as atividades do CIM. **Filipe**

Hino dos Montanhistas

Salomyth

Caminhando pelas matas
Entre rios e cascatas
Mil belezas avistamos
Mil venturas encontramos

E nos picos bem distantes
Ao chegarmos triunfantes
Nossas montanhas nós saudamos
E alegre entoamos

Montanhistas do Brasil
A montanha da vida e união
Estando mais perto do céu anil
Louvamos o nosso torrão

Escaladas Metafóricas (Parte I)

Literatura e montanhismo são atividades que possuem muito em comum. As primeiras escaladas das nossas vidas geralmente são metafóricas. Os primeiros cumes que alcançamos são acessados através de nossa mente e nossos primeiros Guias são escritores que nos proporcionam excursões inesquecíveis. Portanto, não é por acaso que a Unicerj disponibiliza a todos os sócios uma biblioteca recheada de livros de montanhismo e também grandes obras de literatura: a Biblioteca Daniel Alvarenga.

Reconhecendo a comunhão entre a literatura e o montanhismo, a Unicerj possui a tradição de designar algumas conquistas de vias de escalada com títulos de obras literárias ou com os nomes de autores de clássicos.

Um exemplo marcante desta prática é o Paredão Antônio Callado, conquistado pelo Borges, Christian, Gustavo, Mário Arnaud, Yan Rausch e Santa Cruz no ano de 1991. Trata-se de uma escalada muito difícil, no entanto, como é uma via muito segura, tornou-se uma das vias mais frequentadas por escaladores experientes na Face Norte do Morro da Urca.

Antônio Callado merece esta bela homenagem por ter sido uma grande guia de escaladas literárias. Sua vida foi intensa e plena de aventuras incríveis. Foi jornalista, passando de repórter a redator-chefe do extinto Correio da Manhã. Em 1941 foi para Londres e lá exerceu a função de correspondente de guerra da BBC, emissora na qual permaneceu por vários anos. Em 1947, retornou ao Brasil e à redação do Correio da Manhã. Viajou por muitos lugares, entre os quais o Nordeste, o Xingu, o Pantanal, Cuba, Vietnã, sempre produzindo reportagens corajosas e de grande repercussão. Apesar de seus hábitos quase aristocráticos e tímidos, Antônio Callado tornou-se uma estrela da esquerda intelectual brasileira, sendo várias vezes preso durante a ditadura. Faleceu no Rio de Janeiro, aos oitenta anos. Na Biblioteca Daniel Alvarenga, você tem acesso às seguintes obras de Antônio Callado: A Madona de Cedro (1957); Quarup (1967); Vietnã do Norte (1969); Bar Don Juan (1971); Reflexos do Baile (1976) e Sempreviva (1981).

Em Petrópolis, na Pedra do Pastor, a Unicerj realizou uma série de 3 conquistas para homenagear o universo criado por Antônio Callado: o Paredão Quarup, que fica na Pedra do Pastor, em Petrópolis e foi conquistada em 1982; a Descida Brasil Central, que é a descida do Paredão Quarup, conquistada em 1997 para evitar que se tenha de descer pelos lances diagonais e horizontais da subida; e a Variante Sempreviva conquistada em 1998, que é uma variante do Paredão Quarup.

Dois outros grandes escritores foram homenageados pela Unicerj, com vias de escalada no Morro da Babilônia: Eduardo Galeano e Eric Hobsbawm. Estas vias são variantes localizadas quase no final do Paredão Entropia (1985). A Variante Hobsbawm foi conquistada em 1996, por Renato Pontes e Santa Cruz em investida única. É uma escalada pequena (apenas quatro lances), porém difícil. Inicia-se no último platô do Paredão Entropia, seguindo direto para a vegetação que existe em torno do cume do Morro da Babilônia. A variante Eduardo Galeano foi conquistada pelo Zaib, Tarcisio, Julio dal Poz e Santa Cruz em 1999, também em investida única.

Eric Hobsbawm foi um historiador britânico, nascido no Egito em 1917 e falecido em 2012. Escreveu livros muito importantes para compreendermos as grandes transformações dos tempos modernos. Num dos mais recentes, ele completou o ciclo iniciado em a "Era das Revoluções" com o antológico "A Era dos Extremos", onde analisa a época que vivemos. Um livro de grande erudição e sensibilidade. A Biblioteca Daniel Alvarenga dispõe da obra "Era dos Extremos" para empréstimo.

Eduardo Galeano é um escritor uruguaio, mais conhecido pela obra "As Veias Abertas da América Latina", um clássico dos anos 70, que continua atual nos dias de hoje, pois se tornou um texto de referência da visão anticolonialista latino americana. Ele escreveu muitos outros livros que merecem ser lidos com atenção. Em nossa biblioteca há vários livros de Eduardo Galeano, além do "As Veias Abertas da América Latina", disponíveis para empréstimo.

O Paredão Unidade Latino-Americana (2006) mantém viva a esperança de Eduardo Galeano e tantos outros escritores como Darcy Ribeiro, que também foi homenageado com uma conquista pela Unicerj.

E então? Deu vontade de ler algum dos autores mencionados acima?

Procure um de nossos Guias e peça a lista do acervo da Biblioteca Daniel Alvarenga. Você poderá retirar em empréstimo estas obras e muitas outras.

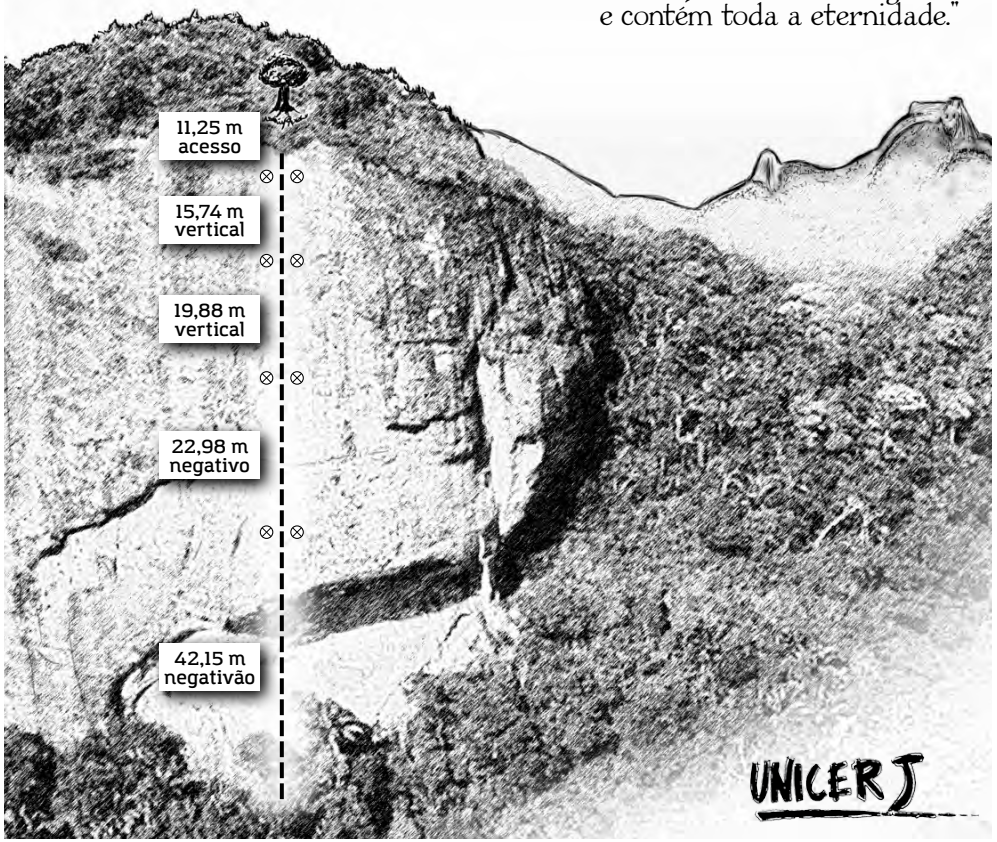
No próximo Boletim continuaremos a apresentar outras obras e autores que receberam homenagens da Unicerj.

Boa Leitura!

Célia Caldas

Conquista da Descida Verônica Vianna

"Cada passo é um milagre
e contém toda a eternidade."



A Unicerj ganhou uma nova conquista. Trata-se de mais uma bela via de descida que certamente irá proporcionar deslumbramento e emoção a todos os montanhistas que apreciam descidas vertiginosas e negativos de arrepiar a medula. Por estar localizada no Andaraí Maior, no Parque Nacional da Tijuca, possui um visual espetacular de nossa cidade, bem como da Baía de Guanabara e das montanhas da Serra do Mar ao fundo.

A nova via foi conquistada em uma única investida na qual participaram Leo, Porto e Santa Cruz. Possui quatro rapéis sendo que os dois primeiros são verticais seguidos por dois negativos, o último de cortar a respiração. Pelo menos foi o que nós três sentimos durante a conquista, quando passamos o dia todo na montanha e só retornamos quando já estava anoitecendo, felizes como meninos por havermos mais uma vez acreditado que poderíamos resgatar o Fogo de Prometeu, transformando o que parecia impossível em realidade.

DESCIDA VERÔNICA VIANNA
Andaraí Maior - PNT - 861m

Classificação:
Descida Vertiginosa

Conquistadores:
Leo, Porto e Santa Cruz

Extensão:
112 metros

Conquista realizada em investida única:
30/08/2014

Regrampeação:
Borges, Leo, Terra e Santa Cruz em 20/09/2014

O nome da via é uma homenagem a uma pessoa muito especial: Dra. Verônica Vianna, a médica e amiga, que fez a cirurgia de artrodese que me possibilitou retornar à vida verdadeira.

Artrodese é um procedimento cirúrgico bastante engenhoso e ousado e, no meu caso, foi tão bem sucedido que permitiu, como num passe de mágica ou até mesmo por verdadeiro milagre, que eu pudesse voltar às montanhas.

Vale dizer que antes disso precisei usar muletas por mais de quatro anos para todo e qualquer deslocamento, até mesmo dentro de casa. Era uma dependência tão completa que, em alguns momentos de abatimento, cheguei a pensar que ia ser definitiva. Mas nunca perdi a esperança e valeu muito a pena, pois hoje parece que aquele tempo sombrio foi parte de um pesadelo do qual eu já acordei.

A nova conquista não deixa de ser também uma homenagem a seu pai, o Dr. Sergio Vianna, nascido em 1942 e pioneiro nesse tipo de cirurgia em nosso país. Ele teria feito a minha cirurgia no início de 2009, quando fui obrigado a adiar este procedimento ortopédico de fixação da articulação da perna com o pé, em virtude de eu ter sido diagnosticado na época com outros problemas de saúde bem mais graves que tiveram prioridade e demandaram um bom tempo para serem debelados. Em função disso, somente no segundo semestre de 2011, voltei a pensar no que fazer para tentar me livrar das muletas. Descobri então que nessa ocasião o Dr. Sergio já não estava mais fazendo cirurgias. Ao procurar por ele, encontrei em seu lugar sua filha, Dra. Verônica, também ortopedista, que aprendeu tudo com o pai. Por insistência da Lucia, meu anjo da guarda, resolvemos marcar o quanto antes uma consulta com ela. Nessa altura do campeonato eu já havia ido a dezenas de ortopedistas e não só no Rio de Janeiro. Lucia teve a intuição certa de que valeria a pena procurar a filha do médico que nos passou tanta confiança, sem me dar falsas esperanças como tantos outros médicos a quem fui consultar, pois há infelizmente – e isto vale para todos os seres humanos – aqueles que dizem o que a gente quer ouvir e não o que precisa ser dito para que possamos tomar a decisão mais sensata.

Ao chegar no consultório da Dra. Verônica Vianna eu estava muito apreensivo, como acontece sempre que vou a um médico pela primeira vez. Chegamos meia hora antes e vimos que as consultas estavam atrasadas. Tinha muita gente para ser atendida e imaginava que eu não teria todo o tempo necessário para contar minha história. Lucia e eu estávamos levando dezenas de chapas de raios x, tomografias e ressonâncias magnéticas que eu havia feito nos últimos anos. Lembro-me perfeitamente que ao entrarmos no seu consultório tive a mesma sensação que senti anos atrás quando estive a primeira vez no consultório de seu pai.

Comecei a contar o meu caso, que remonta o grave acidente que sofri em 1978, no Paredão Jorge de Castro, quando eu estava com 26 anos. Na ocasião, tive fraturas múltiplas na perna e no pé direito, precisando passar por duas cirurgias e 360 horas de fisioterapia para que pudesse voltar a escalar em pouco mais de dois anos. Depois disso, foram quase 30 anos sem que eu nem me lembrasse de ter sofrido esse acidente, pois pude fazer milhares de caminhadas, escaladas e descidas, praticamente todos os fins de semana. Foi quando, no início de 2008, comecei a sentir uma dor muito forte toda vez que pisava. Ao fazer os exames de praxe, o diagnóstico foi desalentador: um processo irreversível de artrose. Atabalhoadamente, em maio de 2008, fiz uma cirurgia que não deu certo e desde então as muletas passaram a fazer parte da minha vida. Esta é uma situação que só quem já passou pode avaliar.

Existem, é claro, coisas muito piores e que podem ser superadas, como por exemplo,

o caso de Franklin Roosevelt que, mesmo precisando usar muletas e até cadeira de rodas, foi eleito quatro vezes seguidas presidente dos Estados Unidos, tendo tirado seu país da depressão. Eu poderia citar muitos outros casos de superação semelhantes, mas isso não é um consolo para quem sonhava voltar às montanhas, como eu. Não pensava em outra coisa durante todo esse tempo, muito embora não tenha deixado de trabalhar, de ler muito, de estudar e de compartilhar a vida com minha família e meus amigos, tão importantes durante essa travessia do deserto. Tive inclusive a oportunidade de viajar pela América Latina, visitando o Deserto de Atacama, no Chile, e a região montanhosa de Fiambalá, na Argentina, bem como a província de Mérida, na Venezuela, mesmo com as muletas. Ver as montanhas de perto é melhor do que não ter essa possibilidade, mas ainda é muito pouco para quem esteve podendo atingir seus cumes sempre em companhia de verdadeiros amigos.

O que eu quero dizer com esta digressão um tanto longa é que é possível viver mesmo com muletas e até em condições mais precárias, pois a vida é um dom que devemos agradecer todos os dias. Isto significa que mesmo nos momentos de aniquilamento, eu continuaria vivendo assim se tivesse que ser. Mas tive a provação de viver durante um bom tempo desprovido dessa capacidade de locomoção autônoma, sem nunca esmorecer nem perder a esperança de um dia, mesmo com muitas dificuldades, retornar às montanhas. Vez por outra, algum amigo tentava me mostrar outros caminhos, como o meu irmão Borges, que tentou mais de uma vez me convencer a fazer mergulho. E eu sou lá de mergulhar? Agradeci o convite, pois sei que ele só queria me ajudar, mas nunca fui muito aquático e, embora saiba nadar, só vou até onde dá pé. Outros amigos me convidaram a fazer vôos de asa delta ou parapente, procurando me incentivar. Rapidamente agradeci e nem quis saber do que se tratava exatamente pois, como já disse, sou eminentemente terrestre. Se a Terra for vertical e até mesmo negativa, melhor ainda, mas sempre com uma boa corda para dar segurança. Desse modo, dá para perceber que o que eu queria mesmo era voltar às escaladas, como as que fiz tantas vezes no Dedo de Deus. E também sonhava todo o tempo, poder retornar a sentir o frisson das descidas vertiginosas, como, as que ajudei a conquistar no próprio Dedo de Deus e em tantas outras montanhas da nossa Terra.

Voltando à primeira consulta com a Dra. Verônica Vianna, creio que ela notou que eu estava um tanto aflito para contar o que me aconteceu e porque eu a havia procurado. Num dado momento ela me disse simplesmente: "Conte-me com calma essa história de montanha". Lembro-me bem que foram exatamente estas palavras. Isso me deu uma paz muito grande e eu pude falar por uns 40 minutos sem ser interrompido...

Creio que Dra. Verônica teve a rara sensibilidade de me compreender quase de imediato como se pudesse ler a minha alma. Ela percebeu o quanto o universo da montanha nunca deixou de estar no centro de minha vida. Depois de muito conversar comigo, ela foi examinar a minha perna, perguntando onde doía mais e pedindo para que eu tentasse andar, com e sem muletas. Por último foi observar os exames já realizados. Fiquei muito impressionado ao ver que, sem mesmo ler os laudos, ela fez o diagnóstico exato. Lucia ao meu lado como sempre, a essa altura já sabia no seu íntimo, que nós havíamos procurado a pessoa certa.

E foi assim que, após realizarmos mais alguns exames, marcamos a cirurgia que como acabei de relatar foi o maior sucesso.

Santa Cruz

Para Dra. Verônica Vianna
Que rompeu os grilhões
que me atavam ao solo
e às duas muletas
que já pareciam fazer parte do meu ser
e como num passe de mágica,
ou até mesmo por um milagre,
me libertou para a vida verdadeira
como se tivesse me dado asas para voar.
Com gratidão infinita,
Osvaldo (Santa Cruz)

Os Estatutos do Homem

(Ato Institucional Permanente)

Artigo I

Fica decretado que agora vale a verdade,
agora vale a vida; e de mãos dadas,
marcharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II

Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Artigo III

Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis
terão direito a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.

Artigo IV

Fica decretado que o homem não precisará
nunca mais duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia no ar,
como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo Único:

O homem, confiará no homem
como um menino confia em outro menino.

Artigo V

Fica decretado que os homens estão livres
do jugo da mentira.
Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio
nem a armadura de palavras.
O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo
porque a verdade passará a ser servida antes
da sobremesa.

Artigo VI

Fica estabelecida, durante dez séculos,
a prática sonhada pelo profeta Isaías,
e o lobo e o cordeiro pastarão juntos e a comida
de ambos terá o mesmo gosto de aurora.

Artigo VII

Por decreto irrevogável fica estabelecido
o reinado permanente da justiça e da claridade,
e a alegria será uma bandeira generosa
para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo VIII

Fica decretado que a maior dor sempre foi e será
sempre não poder dar-se amor a quem se ama e
saber que é a água que dá à planta o milagre da flor.

Artigo IX

Fica permitido que o pão de cada dia
tenha no homem o sinal de seu suor.
Mas que sobretudo tenha sempre
o quente sabor da ternura.

Artigo X

Fica permitido a qualquer pessoa,
qualquer hora da vida, uso do traje branco.

Artigo XI

Fica decretado, por definição, que o homem
é um animal que ama e que por isso é belo,
muito mais belo que a estrela da manhã.

Artigo XII

Decreta-se que nada será obrigado nem proibido,
tudo será permitido, inclusive brincar com
os rinocerontes e caminhar pelas tardes
com uma imensa begônia na lapela.

Parágrafo Único:

Só uma coisa fica proibida:
amar sem amor.

Artigo XIII

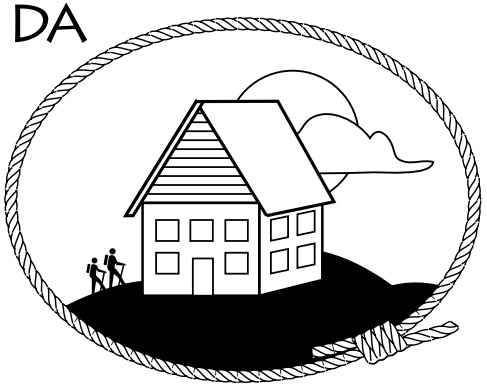
Fica decretado que o dinheiro não poderá
nunca mais comprar o sol das manhãs vindouras.
Expulso do grande baú do medo, o dinheiro
se transformará em uma espada fraternal
para defender o direito de cantar
e a festa do dia que chegou.

Artigo Final.

Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante a liberdade
será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre o coração do homem.

Thiago de Mello,
Santiago do Chile, Abril de 1964

SEDE PRÓPRIA
O GRANDE DESAFIO DA UNICERJ



Com objetivo de construir o futuro da Unicerj, tendo como alicerce a união de pessoas que têm plena consciência que mesmo um pequeno grupo pode provocar grandes transformações sociais se trabalhar duro, com firmeza, lealdade e respeito ao ser humano, foi lançada, em 2006, a Campanha da Sede Própria.

Com esta mobilização, que vai muito além de um fim em si mesmo, estaríamos dando um sentido de perenidade ao nosso Clube, deixando algo de concreto para as gerações futuras.

Atualmente, passados todos esses anos, mesmo com a crescente ciranda especulativa imobiliária, a rir e zombar dos cidadãos de bem, temos certeza e acreditamos que muito já foi construído no sentido de tornar mais sólida a nossa União.

Para se adquirir um imóvel que melhor se encaixasse às nossas necessidades, acreditávamos, naquela época, que seria necessário um montante em torno de R$ 120.000,00. E como forma de atingir esse valor, sem abrir mão dos nossos princípios, decidimos criar os Certificados da Sede Própria, com direito a atenuar a mensalidade do sócio em até 50%. Desse modo, o Conselho de Administração decidiu, ainda em 2006, lançar 200 Certificados Plenos de R$ 600,00 cada um, de modo a perfazer o total que fosse suficiente para adquirir a nossa tão sonhada Sede Própria.

Estes certificados ainda podem ser adquiridos hoje, muito embora o valor para a compra do imóvel tenha que ser recalculado devido à especulação imobiliária em nossa cidade que hiper-valorizou os imóveis. Mas isso não é motivo para esmorecermos. Como montanhistas sabemos o quanto as dificuldades são motivadoras e que este é apenas mais um desafio a ser superado.

Além disso, todos os sócios que quiserem participar da Campanha, mas não puderem contribuir com o valor pleno, poderão adquirir frações do Certificado Pleno, que também permitem redução proporcional da mensalidade:

Fração	Doação	Atenuação da Mensalidade
4/5	R$ 480,00	40%
3/5	R$ 360,00	30%
2/5	R$ 240,00	20%
1/5	R$ 120,00	10%

Enfim, apesar de todas as dificuldades, a Campanha da Sede Própria continua, pois apesar do individualismo exacerbado em nossa sociedade continuamos obstinadamente acreditando, mais do que nunca, na força motriz da energia solidária.

Esperamos apresentar, em breve, os cálculos com o novo valor de aquisição deste bem.

Há várias formas de gerarmos recursos, como rifas, festas e outras formas de mobilização coletiva que podem representar autênticos tijolos para a futura Sede Própria

Contamos com a participação de todos, pois além dos Certificados, todos os unicerjenses podem contribuir com seu tijolinho visando à concretização deste sonho.

Lucia

Livro de cume

Mudanças na Diretoria

Recentemente, a partir do 16º aniversário do Clube, tivemos algumas alterações em nossa Diretoria:

Bonolo, que era o Diretor Técnico, agora é o Diretor Secretário. François que vinha atuando como Diretor Secretário passou a ocupar a Diretoria Social. Santa Cruz, voltou à Presidência depois de atuar por um bom tempo como Diretor Social. E finalmente Leo, que era o Presidente voltou a assumir o Departamento Técnico. Com isso esperamos dar mais agilidade à nossa Diretoria.

Nascimentos

O Guia Willy e a Sylvia comemoraram o aumento da família com a chegada de duas netinhas: a Manoela, que é filha do Guia Leandro e da Thais; e a Naomi, filha da Laiz e Neil Ferguson. O Guia François e a Célia comemoram a chegada do neto Davi, filho de Clara a Paulo Victor.

Também chegaram trazendo muita alegria a Olívia, filha do Guia Fabio e da Brenda; o Gabriel, filho do Guia Kaercher e da Bárbara; e Martín Gustavo, filho da Gabriela e do Buarque, ambos Guias da Unicerj.

Nota de Falecimento

Despedimo-nos muito respeitosamente de Carmen Rodrigues Lattario, avó do Guia Fabio, Eny de Carvalho Garcia, tia dos Guias Clair e Kaká e Nelcina Rodrigues de Araújo, mãe da Aline e sogra do Filipe, Vice-Presidente do Clube.

Agradecimentos

- Aos pais da sócia Fernanda Insfran — Liana Fochi e Edgar Insfran — por nos receberem em sua casa em Araruama para a Festa de Fim de Ano e para a comemoração do 16º Aniversário do Clube, onde também foi realizada mais uma formatura das turmas do CBM e da ETGE;
- Ao Luiz Omar Gopfert pela pintura e limpeza da nossa sede;
- Aos nossos sócios e médicos André Favero e Heitor de Freitas pela aula sobre Primeiros Socorros para a ETGE;
- Aos Guias Buarque, Clair e Nery e aos sócios Daniel Oliveira, Danilo Prates, Mariana Ladeira e Mirlene Oliveira por instalarem um novo suporte para as cordas na nossa sede;
- Aos queridos Well e Bel por oferecerem um maravilhoso Ceviche em sua casa (17/07/2013);
- À Luciana Mattos por nos receber e, juntamente com Fernanda Insfran e Liana Fochi, preparar um excelente strogonoff para comemoração da formatura do CBM 2014-1 (01/06/2014);
- Ao Guia Christian pela doação de 36 sacos de dormir.

Festa do Montanhismo Amador

Ficamos muito contentes com a presença do Marcos à Festa do Montanhismo Amador, dia 31/07/2014, quando ele *subiu no banco* e deu o seu recado de sócio fundador e Guia da Unicerj, conclamando a união de todos para o bem do nosso Clube.

Confraternizações na Sede

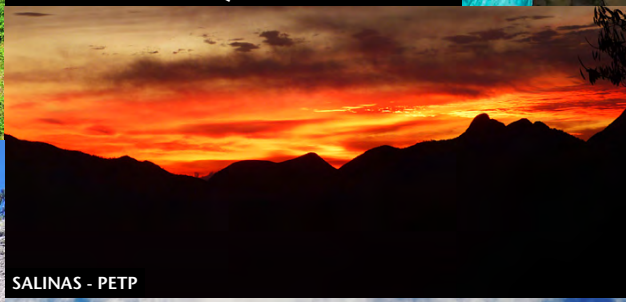
Todos os meses temos organizado em uma das reuniões sociais uma confraternização visando maior participação dos sócios na vida do Clube. Em 30 de outubro teremos a Festa do MASENC e em 13 de novembro a Festa do 17º Aniversário de Publicação de nossa primeira Carta Aberta.

Atividades realizadas na Unicerj entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2013

TIPO	ATIVIDADES	PARTICIPAÇÕES	MÉDIA PARTICIPAÇÕES/ATIVIDADE
Aulas Teóricas	19	239	12,6
Caminhadas	108	978	9,1
Confraternizações	8	317	39,6
Conquistas e Regrampeações	5	29	5,8
Ecológicas	8	72	9,0
Escaladas	101	431	4,3
Organizacionais	1	7	7,0
Treinamentos	9	115	12,8
Total	259	2188	8,4

TRÊS PICOS DE FRIBURGO E CAPACETE - PETP

ACAMPAMENTO NO PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA



SALINAS - PETP

VIA SYLVIO MENDES - PICO MAIOR DE FRIBURGO

DESCIDA VERÔNICA VIANNA - ANDARAÍ MAIOR - PNT

TRAVESSIA REBOUÇAS-MAUÁ - PNI